

GRANDE LOJA MAÇÔNICA
DO ESTADO DE SÃO PAULO



A Verdade

ANO LXX - Nº 556 - Maio/Junho de 2023

Revista Maçônica



As viagens do Aprendiz
Maçom sob a perspectiva

FILOSOFICA DE PLATÃO



A edificação da Humanidade

Há um edifício social sendo reconstruído. Suas bases são o Indivíduo, a Família e a Maçonaria. Seus fundamentos, a honestidade, a sã moral, a eticidade.

Tenho orgulho de estar à frente desses construtores sociais da atualidade. Dos protagonistas maiores da felicidade social. Homens com "H" maiúsculo que pertencem à terceira maior Potência Maçônica do mundo e a maior da América Latina: a Glesp.

Os membros da Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo, nossa amada Glesp, me enchem de orgulho. Vejo, hoje, resgatada a nossa imagem perante a sociedade por intermédio da atitude, da postura e do exemplo de moral de cada Irmão Maçom da Glesp em sua atuação no mundo profano. Maçons que têm sido exemplos como cidadãos, pais, esposos, profissionais.

Após um ano de nossa gestão, sinto que, aos olhos da sociedade, a Glesp foi recolocada no lugar de respeito de onde jamais deveria ter saído, como protagonista da história humanística do País. Afirmo "País" porque a atuação de cada membro maçom da Glesp tem ultrapassado as fronteiras do estado e tem sido motivo de elogios de irmãos de outras Potências da nação. Devo a todos a minha profunda e sincera gratidão.

A cada passo dado, a cada dia na luta administrativa, litúrgica e ritualística, a cada momento, sentimos crescer a nossa querida Glesp. Além de orgulho, tenho também muita gratidão.

Gratidão por terem me dado a oportunidade de estar à frente de homens tão valorosos como são os membros da Glesp, que honram suas famílias, que têm postura maçônica invejável e conduta ilibada. Orgulhem-se, também, irmãos, por pertencerem à amada Glesp, porque a Glesp é feita de vocês.

Encetamos o labor em um novo ano de gestão, construindo o edifício social com pedras preciosas bem talhadas, polidas, lapidadas com esmero em cada uma de suas respectivas Lojas, onde reinam a harmonia, a esperança e o amor fraternal.

Viva a Glesp pelos seus 96 anos de vida! Viva a Maçonaria Paulista! E dê-se um "Viva!" especialíssimo aos MAÇONS que formam essa família tão querida.



Um fraternal abraço,

Sereníssimo Grão-Mestre Jorge Anysio Haddad

♦ EXPEDIENTE ♦



A Verdade

Publicação bimestral da Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo (Glesp)

Fundador

Irmão Francisco Rorato (1911-1983)
Loja Prudente de Moraes, 5

Administração

Grão-Mestre Jorge Haddad
Loja Justiça e Tolerância, 689
Oriente de Araraquara

Conselho Editorial

Descartes de Souza Teixeira (L. 10)
Ezivaldo Lins de Araújo (L. 124)
Samir Nakhle Khoury (L. 141)
Samir Cury (L. 857)

Editor e Jornalista Responsável

Wagner Apinhanesi (MTb: 41.856-SP)

EDIÇÃO DIGITAL

Assinatura

Seis edições bimestrais: R\$ 106,15

REVISTA A VERDADE

Rua São Joaquim, 138
Liberdade - São Paulo - SP
CEP: 01508-000
Tel: (11) 3207-8399

E-mail: averdade@glesp.org.br
www.glesp.org.br

Atenção: Os colaboradores das revistas A Verdade e Grande Loja em Destaque, que enviam informações, textos, fotos e imagens, são responsáveis pela autoria e originalidade do material enviado às revistas e pela obtenção de autorização de terceiros para a devida utilização, quando necessária, respondendo, assim, por qualquer reivindicação que eventualmente venha a ser apresentada às revistas em relação aos direitos intelectuais e/ou direitos de imagem. Os colaboradores das revistas da Glesp são voluntários e não recebem remuneração pelo trabalho cedido às publicações. Os artigos assinados não refletem, necessariamente, o pensamento da direção ou do editor das revistas. Não devolvemos originais não publicados.



As viagens do Aprendiz Maçom sob a perspectiva filosófica de Platão

O presente estudo pretende traçar o paralelo entre a jornada do Aprendiz Maçom em busca do autoconhecimento e da construção do templo interior, apresentando semelhanças com a filosofia platônica, em que a busca pela verdade e pela sabedoria é um ideal a ser alcançado através da razão e do conhecimento, para compreendermos a importância da filosofia como fonte de reflexão e inspiração.



4
Capa

A verdade à luz da filosofia maçônica

Como se sabe, num passado mais ou menos remoto, filósofos, cientistas e até mesmo pessoas comuns, ao exporem suas ideias ou teorias para a sociedade da época após profundas pesquisas em suas áreas de atuação, foram ridicularizados e, muitas vezes, assassinados em praças públicas ante os olhares aflitos do povo.



8



28

A Bandeira Nacional

Projetada por Raimundo Teixeira Mendes e Miguel Lemos, com desenho de Décio Vilares, foi inspirada na Bandeira do Império, desenhada pelo pintor francês Jean Baptiste Debret. O lema "Ordem e Progresso" escrito na bandeira tem inspiração na filosofia positivista.

Maçom: um agente transformador da sociedade

Essa breve reflexão deve levar todo maçom a se colocar diante do Livro da Lei, o qual indica que a via ascensional (Escada de Jacó) para o Grande Arquiteto do Universo só existe pela obediência à Sua vontade através das atitudes de Fé, Esperança e Caridade, bem como dos misteriosos desígnios da Sua sagrada palavra.



12

O lado oculto das pedras

Historicamente e desde o princípio dos tempos, o homem já tinha certo fascínio pela pedra, pois ela o ajudou na sua sobrevivência, sendo usada na caça (através dos rudimentares machados de pedra) e até em sua própria morada (através das cavernas rochosas, ou ainda, casas toscamente feitas com pedra e barro).



16



32

Luiz Gonzaga Pinto da Gama: Herói e Patrono da Abolição no Brasil

Luiz Gonzaga Pinto da Gama era descendente de escrava liberta e de um fidalgo português, rico e branco, o qual o vendeu como escravizado, aos 12 anos, apesar de ele ter nascido livre. Foi um importante maçom do movimento abolicionista no Brasil, o último país do continente americano a decretar a abolição da escravidão.

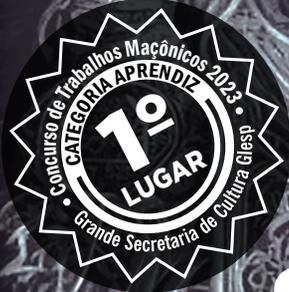
A invasão das sedes dos três Poderes do Brasil comparada com a invasão do Capitólio dos Estados Unidos

Inquieto tenho estado desde o início deste ano, 2023, ao ler os jornais e outros noticiosos, notando que jornalistas e comentaristas não deixam de comparar dois eventos políticos: o ataque às sedes dos três Poderes do Brasil, em Brasília, em janeiro de 2023; e a invasão do Capitólio dos Estados Unidos da América, em Washington-DC, em 2021.



24





As viagens do Aprendiz
Maçom sob a perspectiva
**FILOSOFICA
DE PLATÃO**

Irmão Diego Augusto Sassiloto

Loja União e Fraternidade de Piracicaba, 752 – Oriente de Piracicaba

Desde os primórdios da humanidade, o ser humano tem buscado compreender o mundo que o cerca e como está inserido nele na busca incessante pelo conhecimento e pela sabedoria, surgindo assim diversas correntes filosóficas que influenciaram a história do pensamento ocidental e a evolução da Maçonaria.

Dentre os pensadores e filósofos influenciadores, Platão se destaca como um dos mais importantes devido a suas ideias e visão de mundo diante da concepção de uma realidade além do mundo sensível, acessível apenas através da razão e do conhecimento. E é nesse contexto que podemos relacionar as suas ideias com a representatividade da simbologia maçônica.

Pretendo, com o presente estudo, traçar o paralelo entre a jornada do Aprendiz Maçom em busca do autoconhecimento e da construção do templo interior, apresentando semelhanças com a filosofia platônica, em que a busca pela verdade e pela sabedoria é um ideal a ser alcançado através da razão e do conhecimento, para compreendermos a importância da filosofia como fonte de reflexão e inspiração, uma vez que a simbologia e ritualística maçônicas são cuidadosamente elaboradas para conduzir o Aprendiz a uma jornada em busca da luz do conhecimento.

Uma das principais formas de aperfeiçoamento do homem pelo homem é encontrar na filosofia maçônica as ferramentas necessárias para o desbastar da pedra bruta na construção do Templo Interior, que consiste em um processo de aprimoramento moral e espiritual que busca transformar o indivíduo em um ser mais justo, íntegro e virtuoso. Esse processo é simbolizado pelas três viagens do Aprendiz Maçom, que representam diferentes etapas na busca pela sabedoria e pela conexão com o Sagrado e o Divino.

A primeira etapa dessa jornada é marcada pela exposição aos ensinamentos e símbolos maçônicos, que visa despertar a compreensão do Aprendiz em relação aos mistérios da Maçonaria e fornece as ferramentas necessárias para que ele possa iniciar sua jornada rumo ao autoconhecimento, evolução pessoal e busca pela harmonia e equilíbrio interno.

Nesse sentido, a primeira viagem representa a necessidade de compreender e integrar os diferentes aspectos da personalidade, tais como as emoções, os pensamentos e as ações, de forma a alcançar a plenitude e a realização pessoal.

Através da simbologia maçônica, o Aprendiz é conduzido em uma jornada que transcende as barreiras do tempo e do espaço, em busca de uma compreensão mais profunda de si mesmo e do universo, onde o Iniciado é convidado a explorar os seus próprios limites e a se despir de suas concepções prévias para adquirir novos conhecimentos. Essa ideia está em sintonia com a filosofia platônica, a qual defende a busca pela verdade como um ideal a ser perseguido ao longo da vida e a importância da educação na formação do indivíduo.

A segunda viagem do Aprendiz Maçom ao Oriente representa uma fase intermediária de sua jornada, na qual é convidado a mergulhar em si mesmo para buscar o autoconhecimento, a fim de construir o templo interior. Essa busca pelo conhecimento e pela verdade é essencial para transcender a mera aparência das coisas e alcançar a verdadeira realidade.

Na filosofia platônica, a busca pelo conhecimento é vista como uma atividade essencial para a realização da vida, pois permite transcender as aparências e alcançar a verdadeira realidade. Para Platão, a busca pelo conhecimento é uma forma de acesso ao mundo divino e eterno, que transcende as coisas mundanas e efêmeras. Ele acreditava que a verdadeira realidade está além do mundo material e das aparências e que somente através do conhecimento podemos alcançá-la. Em *O Mito da Caverna*, o filósofo expõe em suas passagens a importância da busca pela verdade e pelo conhecimento.

Nessa alegoria, Platão descreve um grupo de pessoas que vivem acorrentadas em uma caverna, observando sombras projetadas na parede. Para essas pessoas, as sombras eram a única realidade que conheciam. Porém, quando uma delas é libertada e sai da caverna, ela descobre que as sombras não passavam de uma ilusão e que existe um mundo real, iluminado pelo Sol.

Essa experiência transformadora é a busca pela verdade e pela luz que o Aprendiz Maçom deve empreender na segunda viagem e a busca pelo conhecimento e pela verdade no mundo exterior, o que podemos, de forma análoga, interpretar o momento em que o Aprendiz Maçom deixa as trevas e recebe a luz que ilumina a escuridão e a verdade que está oculta nas sombras.

Faz-se necessário mencionar, ainda, a obra *Fédon*, também de Platão, cujo tema é a morte na perspectiva da imortalidade da alma e na qual o filósofo destaca a importância do amor pelo conhecimento e a busca pela verdade. Para Platão, o amor pelo conhecimento é uma paixão divina que nos leva a buscar a verdade e a sabedoria, aproximando-nos da importância e da compreensão do valor espiritual do conhecimento na forma de conexão com o divino e com a grande obra da arquitetura universal, sendo que a vida na Terra é apenas uma fase temporária na jornada da alma.

Na terceira viagem, o Aprendiz Maçom é conduzido em uma jornada simbólica rumo à luz. Esse caminho representa a busca pelo conhecimento e pela verdade, em uma dimensão que transcende o mundo material e suas limitações e na qual o Aprendiz é instigado a refletir sobre a sua própria jornada pessoal, buscando compreender o seu papel no universo e o propósito de sua existência.

Nessa etapa, a simbologia do caminho rumo à luz é fundamental, pois representa a busca pela compreensão e pelo aprimoramento interior, e o Aprendiz é convidado a superar as sombras e os obstáculos que bloqueiam o seu caminho e a avançar em direção à luz, que simboliza a sabedoria e o conhecimento sobre as dimensões mais profundas de nós mesmos durante a jornada maçônica, que se inicia na Câmara de Reflexão e se perpetua pela escalada nos degraus da Escada de Jacó.

Ao alcançar a luz, o Aprendiz tem a oportunidade de se aprimorar espiritualmente e se conectar com o Sagrado. Ele compreende que o conhecimento e a sabedoria adquiridos nessa jornada não são um fim em si mesmos, mas sim uma ferramenta para viver uma vida plena, significativa e conectada com o divino.

Nesse mesmo sentido, Platão defende que o conhecimento deve ser colocado em prática e que a virtude é uma forma de conexão com o mundo divino e eterno. Essa visão é muito próxima da visão maçônica sobre a importância da prática da virtude e da moral como forma de conexão com o Sagrado na jornada que nos leva a transcender os limites do mundo material.

Contemplar o Templo Interior leva o maçom a refletir sobre as questões mais fundamentais da existência humana, tais como a natureza da realidade, e nunca esquecer que o simbolismo em loja representa os ditames mais básicos de sua formação maçônica que vão além da vida, transcendendo a morte e a evolução espiritual em seu desencarne, compreendendo melhor o seu lugar no mundo.

Essa contemplação não é fácil e requer árdua atividade, tempo, dedicação e perseverança, ou seja, o trabalho em loja e sua reflexão sobre o aprendizado em todos os momentos da vida.

Os benefícios dessa atividade são muitos e profundos, e, através da contemplação do Templo Interior, o maçom pode descobrir sua própria verdade e se tornar mais consciente de si mesmo, sendo protagonista e agente transformador diante dos desafios contemporâneos.

Assim, para a Maçonaria, a busca pelo conhecimento e pela sabedoria é vista como uma forma de se aproximar do Grande Arquiteto do Universo e de se conectar com o Sagrado. A Maçonaria entende que essa busca não é apenas intelectual, mas também espiritual e moral, e que ela deve ser realizada com humildade e perseverança.

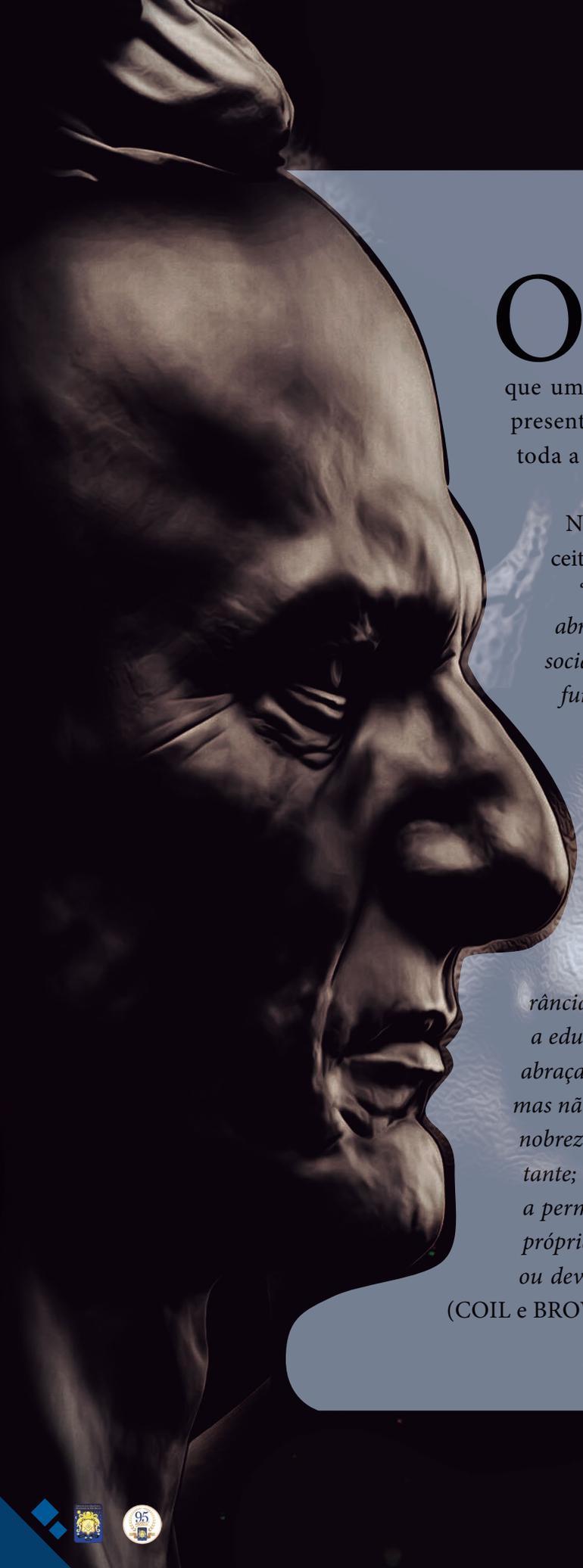
Em síntese, minha reflexão sobre as viagens do Aprendiz Maçom e a analogia com a filosofia de Platão tem seu significado transcendente ao que possa representar fisicamente qualquer simbolismo na elevação e edificação do templo interior, divagando pela busca ao autoconhecimento e atingindo as profundezas da filosofia na busca da formação do homem virtuoso.

Ao edificar nosso templo interior, estamos edificando um Ser Maçom que não se limita apenas a sua existência física, mas que se conecta com o Divino em seu interior como uma fonte de inspiração, sabedoria e conhecimento, sendo guiado pela jornada na busca constante pelo propósito mais elevado de nossa existência e conexão com a grande obra do Grande Arquiteto do Universo: a vida. ◆

Referências Bibliográficas

- DA CAMINO, Rizzardo. *Simbolismo do Primeiro Grau: Aprendiz*. São Paulo: Madras, 2009.
- D'ELIA JUNIOR, Raymundo. *Maçonaria: 100 Instruções de Aprendiz*. São Paulo: Madras, 2017.
- PLATÃO. O mito da Caverna. [Tradução Edson Bini]. São Paulo: Edipro, 2019.
- _____. Fédon: (ou Da Alma). [Tradução Edson Bini]. São Paulo: Edipro, 2016.
- _____. A República. [Tradução Leonel Vallandro]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.





O tema objeto deste artigo tem o condão de conclamar todos os irmãos maçons a uma profunda reflexão sobre a importância que um dos pilares da Maçonaria, a verdade, representa não só para a ordem maçônica, mas para toda a humanidade.

Na *Enciclopédia Maçônica de Coil*, há um conceito de Maçonaria em sentido amplo, qual seja:

*“Maçonaria, em seu sentido mais amplo e abrangente, é um sistema de moralidade e ética social, e uma filosofia de vida, de caráter simples e fundamental, incorporando um humanitarismo amplo e, embora tratando a vida como uma experiência prática, subordina o material ao espiritual; é moral, mas não farisaica; exige sanidade em vez de santidade; é tolerante, mas não indiferente; **busca a verdade, mas não define a verdade**; incentiva seus adeptos a pensar, mas não lhes diz o que pensar; que despreza a ignorância, mas não reprova o ignorante; que promove a educação, mas não propõe nenhum currículo; ela abraça a liberdade política e de dignidade do homem, mas não tem plataforma ou propaganda; acredita na nobreza e utilidade da vida; é modesta e não militante; sendo moderada, universal, e liberal quanto a permitir que cada indivíduo forme e expresse sua própria opinião, mesmo sobre o que a Maçonaria é, ou deveria ser, e convida-o a melhorá-la, se puder.”*

(COIL e BROWN, 1961, grifo nosso)

Michel Foucault (1926 – 1984) diz que a verdade precisa ser totalmente livre, não podendo estar vinculada, tampouco institucionalizada, senão será habilmente manipulada, gerando constrangimentos e formas de comportamento. O professor da cátedra História dos Sistemas do Pensamento do Collège de France afirma em seu curso *Le pouvoir psychiatrique* (1973 – 1974) que o conceito de perenidade da verdade tem sido característica marcante de tal perspectiva filosófica no pensamento moderno ocidental. Afirma que a verdade está em qualquer lugar e tempo, podendo ser conhecida facilmente, mas que, diante da limitação do homem, não a conhecemos. Então, o nobre professor afirma em seu curso: “Não há buraco negro na verdade” (FOUCAULT, 2003).

Por sua vez, Sócrates afirmava que a verdade é alcançável e, para tanto, faz-se necessário refletir sobre ela. Em outras palavras, dizia que existiam verdades universais válidas para toda a humanidade em qualquer espaço e tempo, mas somente com muita reflexão é que se poderia atingi-las.

Por outro lado, Friedrich Nietzsche (1844 – 1900), nascido na Alemanha, diz que a verdade não existe, uma vez que é uma ilusão que tomamos como verdade e faz com que à ela nos escravizemos. Ela é definida pelos fortes em uma sociedade e, a partir daí, é uma imposição daqueles que exercem poder (NIETZSCHE, 2007).

Como se sabe, num passado mais ou menos remoto, filósofos, cientistas e até mesmo pessoas comuns, ao exporem suas ideias ou teorias para a sociedade da época após profundas pesquisas em suas áreas de atuação, foram ridicularizados e, muita vez, assassinados em praças públicas ante os olhares aflitos do povo. Esses fatídicos casos se deram porque, em algum momento, tivemos as “verdades” que a sociedade aceitava àquela época sendo confrontadas com a verdade apresentada por esses nobres homens, que foram verdadeiros ícones de suas épocas, alicerçando

a sociedade a um novo degrau evolutivo.

Como exemplo temos Giordano Bruno, polímata, que foi acusado de heresia e condenado à morte na fogueira pela Inquisição romana por contrariar dogmas teológicos então defendidos. Em suma, a razão da sua morte deveu-se ao fato de aprimorar a teoria cosmológica defendida por Nicolau Copérnico. Na medida em que este desenvolveu a teoria heliocêntrica do Sistema Solar, em que o Sol seria o centro do Universo e a Terra giraria em torno dele, Giordano Bruno a interpretou de forma extensiva, afirmando que as estrelas que vemos no céu são sóis tal como o nosso, e que estes são cercados por planetas, que podem conter vida. É o chamado Pluralismo Cósmico. Além disso, afirmava que o Universo é infinito.

Um segundo exemplo diz respeito à Joana d’Arc, francesa, também condenada à morte não só pela participação na Guerra dos 100 Anos, mas principalmente porque era vista como bruxa, pois afirmava que desde os 13 anos de vida ouvia vozes divinas que a orientavam em suas investidas. Posteriormente, identificou as vozes como sendo do arcanjo São Miguel, Santa Catarina e Santa Margarida.

O neófito, ao integrar as colunas da veneranda Ordem, logo na abertura dos trabalhos se depara com uma pergunta do Venerável Mestre ao 1º Vigilante: Para que nos reunimos aqui, irmão 1º Vigilante? Em resposta, temos: “Para combater a tirania, a ignorância, os preconceitos, os erros, glorificar o Direito, a Justiça e a Verdade. Para promover o bem-estar da Pátria e da Humanidade, levantando templos à Virtude e cavando masmorras ao vício”.

No grau de Aprendiz Maçom do Rito Escocês Antigo e Aceito, logo no início da Terceira Instrução, temos perguntas muito importantes relacionadas à verdade. Decerto, uma verdade há entre nós e que nos une de tal forma, qual seja, a existência do Grande Arquiteto do Universo e tudo o que existiu, existe e existirá.

Portanto, a Maçonaria é progressista na medida em que não cria obstáculos para que o obreiro e todo ser humano busque a verdade, incentivando, entretanto, que conceitos filosóficos ou religiosos não se sobreponham à razão e à ciência, como outrora ocorreu, dessarte, na Idade Média.

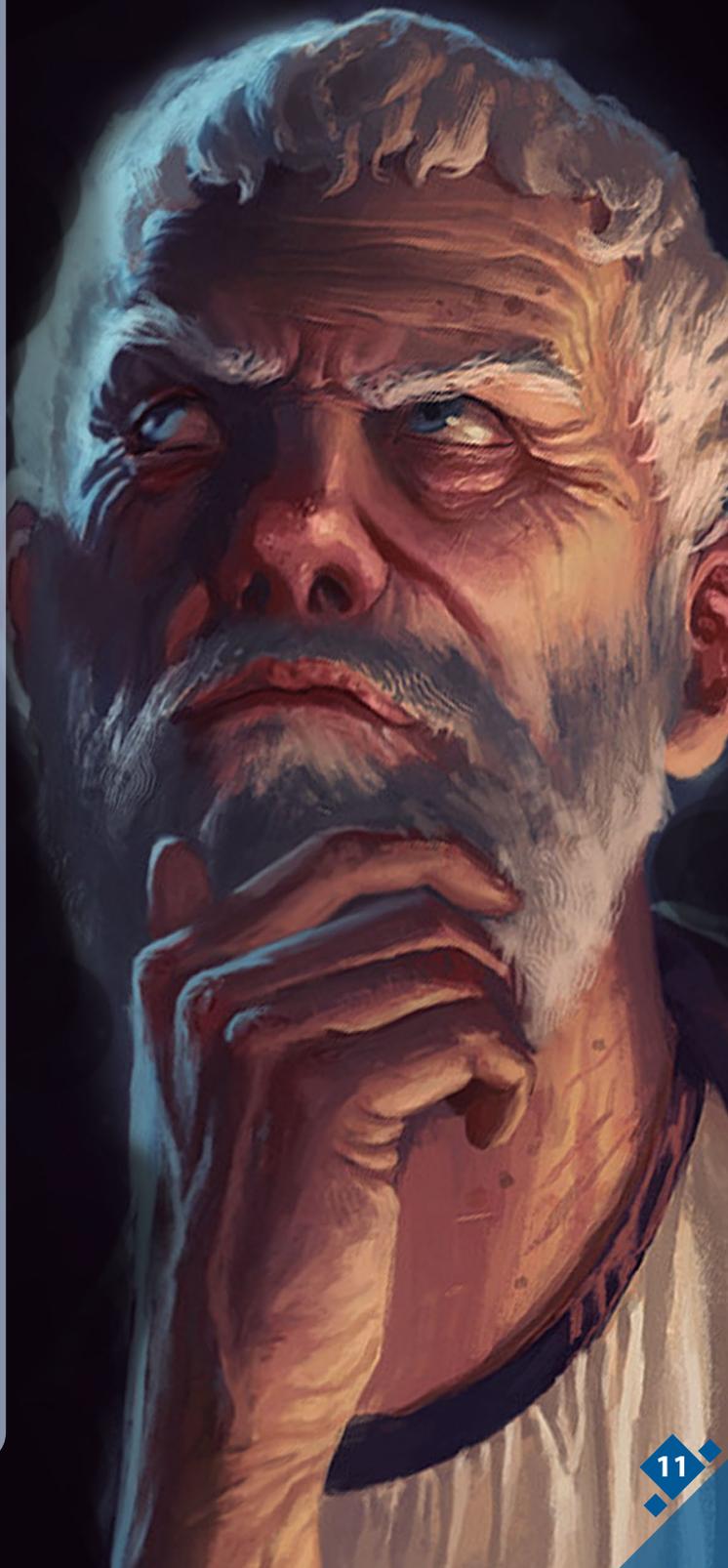
Sendo um dos objetivos da Maçonaria a investigação da verdade, combate-se, como consequência, a ignorância. Assim, o verdadeiro Maçom é aquele que age dentro da verdade, buscando-a incessantemente e exaltando-a à luz dos fatos.

Como é cediço, a ciência nos explica que o espectro de luz visível pelo olho humano define-se pela banda situada entre 400 THz e 790 THz, enquanto que a frequência sonora percebida pelo ouvido humano está na faixa entre 20Hz e 20.000Hz. Negar, pois, a existência de qualquer som ou luz fora de tais faixas de frequência, bem como qualquer outro fato somente porque não são perceptíveis aos sentidos humanos, é contrariar a ciência e, ao mesmo tempo, rechaçar a verdade.

A verdade, portanto, não pode ser considerada absoluta, pois baseada em nosso ponto de vista, considerando nossas percepções sobre o Universo afetas aos nossos sentidos. Por isso, como maçons, devemos buscar sempre a verdade, pautando-nos, para tanto, no fato de que a nossa mente, por restrita que é, nos torna cegos mental e espiritualmente. Assim, devemos quebrar tais paradigmas e abrir caminhos à evolução mental, ampliando a capacidade de consciência, o que é justamente um dos lemas da Maçonaria, que vê na existência do Grande Arquiteto do Universo a causa primária de todas as coisas, e tudo mais o que for acrescentado ficará a cargo de quão receptivos seremos à conscienciologia Universal. ◆

Bibliografia

- COIL, Henry Wilson; BROWN, William M. *Coil's Masonic Encyclopedia*. New York: Ed. Macoy, 1961.
- FOUCAULT, Michel. *Le pouvoir psychiatrique*. Cours au Collège de France 1973-1974. Paris: Seuil; Gallimard, 2003.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral*. São Paulo: Hedra, 2007





MAÇOM:

UM AGENTE TRANSFORMADOR DA SOCIEDADE

Irmão Rafael Tuckmantel Masiviero
Loja Valentes de Canaã, 534 – Oriente de São Pedro



A presente reflexão tem como fio condutor o painel das Lojas Maçônicas, demonstrando as alegorias, ritualísticas, ensinamentos filosóficos e simbólicos, que juntos convergem para o caminho que todo Aprendiz Maçom deverá percorrer na busca de aparar, pouco a pouco, as arestas e imperfeições da pedra bruta na qual se configura, tornando-se assim um homem virtuoso capaz de saber lidar com as mais diferentes realidades sociais e as convergir para o caminho que leva ao Grande Arquiteto do Universo.

Isto posto, vale ressaltar que o presente trabalho não visa esgotar o tema e que para isso dará enfoque na simbologia da Escada de Jacó, bem como nas virtudes morais e teologais Fé, Esperança e Caridade, juntamente com o Ponto Dentro de um Círculo, no respectivo painel. Ademais, passa-se a análise do surgimento do simbolismo da Escada de Jacó.

A vida de Jacó foi marcada por cinco¹ encontros com Deus. Cada um desses encontros transformou Jacó² e foram importantes para o aproximar mais de Deus. A primeira vez que Deus falou com Jacó foi quando ele fugiu de casa, após ter enganado seu pai e roubado a bênção de seu irmão primogênito (Esaú). Jacó adormeceu em Betel³ e viu anjos subindo e descendo de uma escada que chegava aos céus. Deus lhe apareceu e prometeu cuidar dele e o trazer de volta à sua terra natal, conforme o relato bíblico a seguir:

“E começou a sonhar, e eis que havia uma escada posta da terra e seu topo tocava nos céus; e eis que anjos de Deus subiam e desciam por ela. Ao lado dele estava o Senhor, que lhe disse: Eu sou o Senhor, o Deus de seu pai Abraão e o Deus de Isaque. Darei a você e a seus descendentes a terra na qual você está deitado. Seus descendentes serão como o pó da terra, e se espalharão para o Oeste e para o Leste, para o Norte e para o Sul. Todos os povos da terra serão abençoados por meio de você e da sua descendência. Estou com você e cuidarei de você, aonde quer que vá; e eu o trarei de volta a esta terra. Não o deixarei enquanto não fizer o que lhe prometi.”
(Gênesis 28:12-15)





A transformação de Jacó foi um processo demorado, e ele cometeu muitos erros pelo caminho. Deus foi moldando Jacó a cada encontro, isto é, a cada “degrau” da sua “Escada da Vida”. Cabe ressaltar que Deus, após o terceiro encontro com Jacó, por meio de uma luta com um anjo, muda-lhe o nome e passa a chamá-lo de Israel⁴, donde mais tarde surgirão as 12 Tribos de Israel.

Assim como Jacó, o Grande Arquiteto do Universo transforma a vida de cada maçom ao longo do tempo, quando percebe nele o esforço para dar passos de Fé, de Esperança e de Caridade na “escada da vida rumo a Ele”, desbastando a cada passo a pedra bruta, o que o permitirá produzir numerosos frutos, como foi a descendência de Jacó (12 tribos de Israel).

Destaca-se que as virtudes morais e teológicas Fé, Esperança e Caridade, que na analogia acima foram denominadas de “passos”, apontam para um progresso e uma maturidade espiritual do Aprendiz Maçom. Nessa seara, Santo Agostinho, pensador cristão do período denominado de Patrística, afirmava:

“As três virtudes, mesmo sendo diversas, implicam-se reciprocamente. Formam uma tríade, completamente interdependente. A esperança e a caridade encontram na fé o seu fundamento necessário”. (AGOSTINHO, 2018)

Desta feita, a partir delas, se inicia e se leva a termo a transformação radical de profanos em filhos esclarecidos do Grande Arquiteto do Universo. Nesse sentido segue o entendimento ímpar do filósofo prussiano do período iluminista, Immanuel Kant, quando descreve sobre o que é tornar-se Esclarecido (Aufklärung)⁵, ao definir tal atitude como sendo “a saída do homem de sua menoridade, condição, da qual ele é o próprio culpado por estar”. (KANT, 2011)

Dessa forma, o Aprendiz Maçom se decide tornar esclarecido quando, pela Fé, acredita no Grande Arquiteto do Universo e em tudo o que as alegorias, ritualísticas, ensinamentos e símbolos proclamam como sendo revelado por Ele, bem como, quando, pela Esperança, confia que suas boas ações o ajudarão a aproximar mais dEle, assim como pela Caridade, quando tem a oportunidade de experimentar o que é amar ao próximo, estendendo sua mão amiga e fraterna, principalmente, aos mais necessitados e excluídos.



Por último, mas não menos importante, o Ritual do Simbolismo de Aprendiz Maçom menciona que “Em todas as Lojas Maçônicas, Regulares, Justas e Perfeitas, bem formadas e constituídas, há um ‘ponto dentro de um círculo’ que os irmãos não podem transpor”. Tal círculo situa-se entre duas linhas paralelas, as quais, juntas, representam, ao norte, Moisés; e, ao sul, o Rei Salomão. Ao centro desse círculo repousa o Livro da Lei, sustentando a Escada de Jacó, cujo ápice de seus degraus atinge o Céu. Este símbolo místico remonta as cerimônias dos povos da mais alta antiguidade. Tal símbolo foi interpretado de várias maneiras na historiografia: como sendo o Sol, o Universo, Deus e o Todo, a Unidade e o marco zero, o princípio (o ponto) no centro da eternidade (o círculo, linha sem início e fim), todavia, sempre esteve relacionado a Deus e a sua criação.

Essa breve reflexão deve levar todo maçom a se colocar diante do Livro da Lei, o qual indica que a via ascensional (Escada de Jacó) para o Grande Arquiteto do Universo só existe pela obediência a Sua vontade através das atitudes de Fé, Esperança e Caridade, bem como dos misteriosos desígnios da Sua sagrada palavra. Dessa maneira, o maçom crê que com perseverança e determinação, assim como Jacó, conseguirá dar forma e regularidade à pedra bruta em que se configura e subir cada degrau da Escada da Vida rumo ao Céu.

Portanto, diante do exposto, resta evidente que o maçom é um agente transformador na sociedade, a qual, infelizmente, carece de homens virtuosos e esclarecidos como ele. Assim, o Aprendiz Maçom precisa estar disposto a promover um diálogo bioético e inter-religioso aprofundado, a fim de fomentar mudanças efetivas nas políticas públicas em prol do bem comum e da Pátria, contribuindo sempre para a construção de uma comunidade mais justa e perfeita para todos.◆

Referências Bibliográficas:

- AGOSTINHO. *Manual sobre a Fé, a Esperança, e a Caridade*. São Paulo: Clube dos Autores, 2018.
 BÍBLIA – *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
 KANT, Immanuel. *Textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 2011.
 TAMAYO, J. J. *Dicionário de Teologia Bíblica*. 1ª edição. São Paulo: Paulus, 2009.

Anotações:

- 1 - O número 5 simboliza no judaísmo o número da redenção divina, graça e bondade de Deus.
- 2 - Jacó significa “Traíçoeiro”.
- 3 - Betel significa “a Casa do Senhor”.
- 4 - Israel significa “Ele luta com Deus”.
- 5 - Aufklärung, do alemão, “Iluminado, Atualizado, Conhecedor”.

O LADO OCULTO DAS PEDRAS

Irmão Antonio Carlos Gonçalves Fernandes
Loja Cavaleiros do Alto Tietê, 439
Oriente de Mogi das Cruzes

Historicamente e desde o princípio dos tempos, o homem já tinha certo fascínio pela pedra, pois ela o ajudou na sua sobrevivência, sendo usada na caça (através dos rudimentares machados de pedra) e até em sua própria morada (através das cavernas rochosas, ou ainda, casas toscamente feitas com pedra e barro).

Ao analisarmos o lado místico, encontraremos que o homem primitivo também adorava a pedra, porque lhe atribuía pelo poder do sobrenatural tanto boas como más obras e a relacionava a todos os fenômenos atmosféricos, supondo ainda que todos os seus choques provocavam comoções mais ou menos fortes de todos os seres animados. O raio, por exemplo, era tido como pedra atirada do céu por um D'us.

As rochas eram olhadas, ainda, como divindades propícias à fecundação, e, por isso, realizavam-se verdadeiras romarias de mulheres que lhes imploravam a vinda de um esposo ou de filhos.

As várias formas de pedra motivavam numerosas analogias e práticas. As pedras direitas ou sem esquadrias, colocadas nas sepulturas ou à entrada dos templos, figuravam a força masculina, comparada ao raio, ao ar e ao Sol, enquanto a energia feminina comprada à Terra, à Lua e à água do mar, era figurada por pedras de feitio cônico ou arredondado.

Avançando no tempo e direcionando esse assunto para os últimos séculos, vemos a variedade de atributos dados à pedra. Dentro do nosso interesse na arquitetura, convém ressaltar, ainda, que a pedra constitui uma das bases principais dos símbolos maçônicos. Ela assume nestes muitas apresentações, simbolizando as obras morais e todos os materiais da inteligência empregados com fins maçônicos. Dentre as várias significações de pedras, relaciono, a seguir, as principais.

Pedra Angular

É a base fundamental dos edifícios, tomada como denominação dos princípios em que repousa a Maçonaria. No sentido figurado, o Venerável Mestre é a Pedra Angular de uma Loja.



Pedra Branca

Signo de Iniciação mencionado no Apocalipse, de São João. Essa pedra tinha gravada a palavra “Prêmio” e era um símbolo daquela palavra dada ao neófito que, em sua Iniciação, havia passado vitoriosamente por todas as provas dos mistérios. Era a poderosa coralina branca dos Rosa-Cruzes medievais, que a tomaram dos gnósticos. “Aquele que vencer será dado de comer o maná escondido (o conhecimento esotérico e oculto que, como Sabedoria Divina, desce dos Céus) e lhe darei uma pedra branca e na pedra um novo nome escrito (o “Nome do Mistério” do Homem Interno ou o “Ego” do novo Iniciado), nome que ninguém conhece a não ser aquele que o recebe”. (Apocalipse, II, 17).

Pedra Bruta, Tosca ou Lascada

Para os maçons, simboliza a matéria-prima dos hermetistas, natural, informe, cheia de saliências e reentrâncias, tirada das pedreiras tal qual ali é encontrada, sem nenhum beneficiamento por parte do homem. Simboliza o profano, o melhor, o seu espírito carregado de imperfeições, escravo dos vícios e, por isso mesmo, incapaz de se ombrear aos ideais da Maçonaria. Por isso, ela figura entre os objetos emblemáticos que devem estar sempre representados no Quadro ou Painel do 1º Grau. Nos templos simbólicos, se coloca perto e à esquerda da Coluna “B”, junto com um cinzel e malho tosco.

A tarefa do Aprendiz consiste em trabalhar e estudar para adquirir o conhecimento do simbolismo do seu Grau e da respectiva interpretação filosófica. Designa-se esse trabalho como desbastar a pedra bruta, até torná-la um cubo, ainda que imperfeito.

Assim, tão logo haja o candidato recebido a primeira Luz e o Orador completado a sua Instrução, o Venerável Mestre dispõe que o neófito entre em cheio na atividade, começando pela verificação do seu primeiro trabalho. Acompanha-o, então, o irmão Experto, ou o Mestre de Cerimônias, até a Pedra Bruta, e, entregando-lhe o malho, ensina-o a dar os três golpes misteriosos com os quais deverá chamar, no futuro, às portas dos templos, cujo significado lhe vai explicando (“Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á” – Mateus 7:7), mas também, se o neófito claudicar em seus esforços ou sinceridade, terá o inverso (“Pedis, e não recebereis, porque pediste mal, para o gastardes em vossos deleites” – Tiago 4:3).

Ao verdadeiro maçom, que é eternamente um verdadeiro Aprendiz, cabe trabalhar na pedra bruta que é ele próprio, até torná-la em pedra cúbica, possível de ser medida e capaz de se unir as outras para a construção do templo ideal que ele erige em homenagem ao Grande Arquiteto do Universo. Vista sobre esse aspecto, a pedra bruta não é material inerente e informe, mas, antes de tudo, um espírito ativo e cheio de beleza, representando uma verdadeira pedra viva.

Pedra Cúbica

Esse hexaedro é a obra-prima que o Aprendiz e o Companheiro devem realizar. Para o maçom, ou ao homem civilizado, a Pedra Cúbica é o emblema do conhecimento humano e considerada uma das bases essenciais de Instruções.

Se a tarefa do Aprendiz foi desbastar a pedra bruta com o malho e o cinzel e a ajuda da régua, a tarefa do Companheiro será poli-la com o auxílio do esquadro, nível e prumo, para torná-la cúbica, pois, desde os tempos imemoriais, o cubo perfeito simbolizou os seres angelicais, a alma de configuração emotiva harmoniosa.

O Aprendiz disciplinou o descontrolado corpo físico com a energia de sua vontade; já o Companheiro terá de disciplinar as suas emoções, o veículo emocional, através do conhecimento bem medido, equilibrado e correto, aprendendo a “geometrizar”, imprimir curvas e nuances delicadas e suaves em seu psique, em sua natureza emocional.

Assim fará de seu “Eu” um cubo perfeito, apto a ser empregado na ereção do templo constituído por uma humanidade o mais possível perfeita. A Pedra Cúbica no quadro do nosso Manual de Aprendiz é encimada por uma pirâmide quadrangular e se chama de Pedra Cúbica Pontaguda, sendo que ela é terminada em pirâmide, símbolo do fogo, para que aí sejam inscritos os números sagrados. Antes da definição da Pedra Cúbica Pontaguda, convém comentar um pouco sobre o porquê do cubo.

Geometricamente, define-se um cubo como sendo um sólido regular que possui seis faces quadradas iguais, oito vértices formados por ângulos triédros e 12 arestas. É o único sólido platônico que somado indefinidamente a ele mesmo pode encher o espaço sem solução de continuidade. Podemos notar também que suas faces se correspondem duas a duas, que o cubo possui três eixos de simetria e que é impossível ver mais de três faces ao mesmo tempo.

Platão dá como correspondência ao cubo o elemento Terra, o elemento fundamental, sem o qual os demais não teriam para o homem nenhuma utilidade. A palavra “Cubo” vem do grego, *Kubos*, dados de jogar. Sabemos que os dados são marcados em cada uma de suas faces, esses pontos estão dispostos em tal forma que a soma dos pontos de duas faces opostas é igual a 7, ou seja; 1 e 6; 2 e 5; 3 e 4. Se verificarmos que a superfície de um dado, de forma desdobrada, forma a Cruz Latina, sobre a qual a oposição assinalada pode-se colocar os números de 1 a 6.





É impossível obter a mesma soma com o total de cada uma das duas colunas (vertical e horizontal). Se observarmos o seu significado geral dos primeiros números teremos: 1 e 6 = a unidade é o Equilíbrio; 2 e 5 = a divisão é o Homem; 3 e 4 = os três princípios e os quatros elementos.

O cubo forma o elemento dos “jogos de paciência” das crianças, com seis combinações possíveis, ou seja, seis aspectos do mundo manifestado.

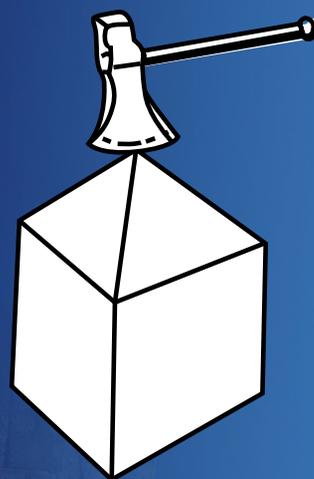


O cubo desdobrado e os seus aspectos do mundo manifestado

Finalizando, a Pedra Cúbica é imperfeita, mas se pode considerá-la inacabada ou, ao contrário, em vias de evolução para uma forma nova superior, que é a Pirâmide.

Pedra Cúbica Pontaguda

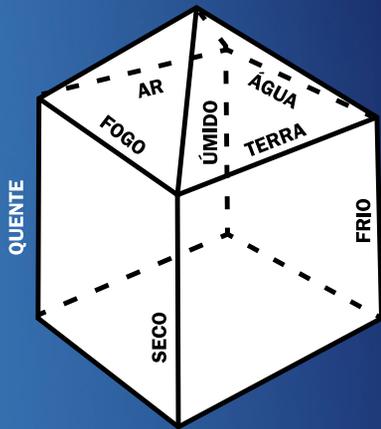
O machado que alguns livros acrescentam sobre a Pedra Cúbica Pontaguda indica que é o lugar em que os operários afiam os seus instrumentos, mas podemos dizer, ainda, que é em suas aspirações sinceras, rumo a um ideal sobre-humano, que o verdadeiro maçom vem retemperar sua coragem quando a maldade, a ingratidão ou a burrice humana fazem com que ele duvide de tudo, da obra empreendida, de seus irmãos e, muito mais que isso, de si mesmo. A pedra é colocada sob o machado, para indicar seu carácter sagrado. Ela continua cúbica, embora encimada por uma pirâmide que a protege da água, como o machado a protege do fogo (o raio).



Essa pedra representa o ideal maçônico que sempre será preciso defender contra a água e o fogo, ou seja, a água representando as forças dissolventes; o fogo, as forças demasiadas sublimizantes, sendo que o verdadeiro maçom deve manter-se num meio-termo com segurança e retidão. Nota-se, ainda, que a pedra cúbica pontaguda, sendo um monolito, não parece poder ser utilizada na construção de um edifício, no entanto, ela pode representar a articulação essencial desse edifício: a chave de abóboda.

Os quatro elementos estão reunidos por um ponto central, que é a Quintessência; os quatro elementos inferiores estão em relação direta com os elementos superiores, ou formadores.

Se substituirmos os elementos Fogo, Ar, Água e Terra, pelas quatro qualidades Quente, Seco, Úmido e Frio, o simbolismo continua semelhante. Na figura a seguir, vê-se que a terra está seca e fria, o fogo, quente e seco; o ar, quente e úmido; e a água, úmida e fria, de acordo com a simbologia tradicional.

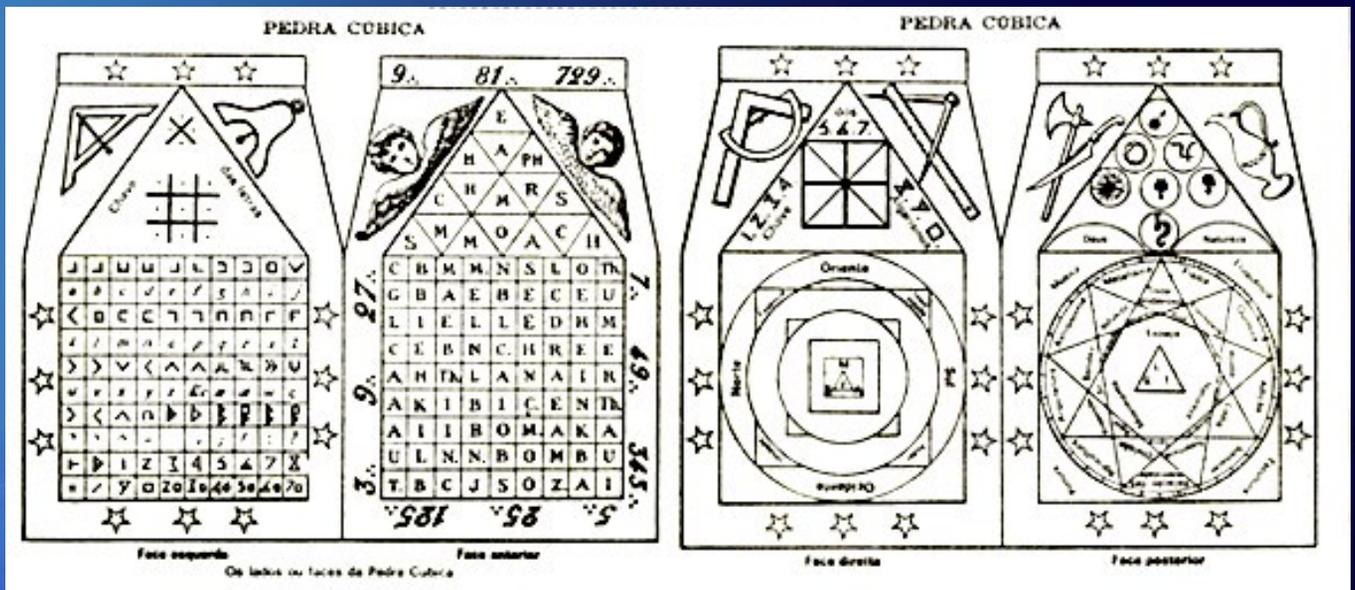


Por ser um dos emblemas mais sugestivos e fundamentais da Maçonaria, convém fazer aqui uma

descrição sucinta dessa pedra e seu simbolismo.

Uma das suas faces laterais, a esquerda, se acha dividida em cem casinhas que contém os hieróglifos e as letras alfabéticas que os representam e correspondem. Em sua parte superior, encontram-se os níveis para significar que é a instrução o que iguala os homens, e não a sua posição social.

A segunda face, a anterior ou fachada, contém 81 casinhas ou quadrado de 9. Nelas, estão as letras correspondentes das palavras misteriosas dos Graus Simbólicos. As 16 casinhas triangulares na face triangular superior ocupam um grande triângulo, o Delta, que é o emblema da Divindade, representado no Oriente da Loja sob o dossel que cobre o trono do Venerável Mestre, com os caracteres hebraicos do inefável nome do Grande Arquiteto do Universo: o tetragramaton IHVH que Salomão esculpiu no precioso Delta consagrado à Sabedoria. Os dois querubins que figuram nos lados do triângulo são os referidos no Antigo Testamento como guardiães da glória e sabedoria divinas (Êxodo 25:28).



Na terceira face, a direita, estão os sinais numéricos dos antigos contidos na chave egípcia, composta de um quadro perfeito dividido em oito partes triangulares, por duas linhas perpendiculares entre si e duas diagonais de ângulo a ângulo. Contém, ainda, quatro círculos concentrados e os quatro quadrados representando as quatro regiões conhecidas da antiguidade (a Terra, o Mundo Astral, o Céu Inferior e o Céu Superior); os quatro pontos cardeais e as quatro estações do ano. Em cima, está o triângulo, símbolo do Supremo Arquitecto do Universo, decorado com os instrumentos primitivos empregados no estudo da Matemática.

A quarta face, a posterior, contém um grande círculo dividido em 360 graus, que o Sol percorre a cada 24 horas. Inscritos neste círculo estão três triângulos formando 27 casinhas contendo todos os princípios conhecidos. No triângulo ao alto, é possível ver os símbolos astrológicos dos sete planetas da antiguidade (Sol, Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno), sobre os dois lados desse triângulo, são notados os instrumentos dos antigos cultos ou sacrifícios, e na sua base estão os dois semicírculos representando a dualidade básica do Universo, ou seja, a Divindade e a Natureza.

Na quinta face, a superior, brilha a Estrela Flamígera, o símbolo máximo da Divindade. Ela ocupa a parte mais elevada da Pedra Cúbica, porque é das alturas do Zênite da Glória que o Supremo Arquitecto governa e ilumina os seus universos.



Pedra Filosofal

Também é conhecida como a Pedra dos Filósofos, cujo termo místico pertence a alquimia e não tem significado muito diferente daquele que geralmente se lhe atribui. A Pedra Filosofal ainda é conhecida como “pó de projeção”, sendo o *Magnus Opus* (Grande Obra) dos alquimistas, objeto que se deve alcançar a todo custo, uma substância que tem a virtude de transmutar em ouro puro os metais mais vis, contudo, misticamente, a Pedra Filosofal simboliza a transmutação da natureza animal e inferior do homem na natureza divina e elevada. A Obra Secreta de Chiram ou Hiram da Cabala, “una em essência, porém três na aparência”, é o Agente Universal ou Pedra dos Filósofos. A culminação da Obra Secreta é o homem espiritual perfeito, num extremo da linha; a união dos três Elementos é o Solvente Oculto da “Alma do Mundo”, a Alma Cósmica ou Luz Astral, na outra extremidade (vide *Doutrina Secreta*, II, p. 119, de Helena Blavatski).

Considerada do ponto de vista puramente material, estabeleceu-se uma diferença: a Pedra (ou Pó) Filosofal, denominada de Grande Elixir ou Quintessência, que é aquela que adquiriu seu maior grau de perfeição e tem a virtude de transmutar o ouro os metais vis; e a chamada Pedra Filosofal, Pequeno Mistério, Pequeno Elixir ou, ainda, Tintura Branca, que é menos perfeita do que a outra e só pode transmutar tais metais em prata. Outras virtudes ainda mais apreciáveis do ponto de vista intelectual e moral foram atribuídas a esse raro tesouro e são as que conferem a quem o possui o dom da Sabedoria e, além disso, como Pedra Filosofal, enobrece os metais vis e transforma cristais em pérolas finas, também purifica a alma do homem e extirpa de seu coração a raiz do mal e de todo o pecado.

A preparação desse produto foi sempre mantido no maior sigilo. É verdade que foram feitas indicações vagas sobre esse ponto, mas todas elas estão

expressas intencionalmente numa linguagem muito obscura e enigmática. E não era por egoísmo que os escritores herméticos mantinham seu segredo; razões poderosas faziam com que eles não profanassem e tornassem público um mistério tão precioso, que, ao ser divulgado, produziria um transtorno tremendo na sociedade humana.

Pedra Fundamental

Marco inicial de uma construção, que em geral se coloca solenemente e em cujo interior se encerram medalhões e documentos comemorativos. Apesar de todo conhecimento esotérico e exotérico, a responsabilidade que temos, infelizmente, não está presente em todos os nossos irmãos maçons, sejam eles políticos ou não, que jamais conseguiram executar com perfeição o que se chama de “desbastar a pedra bruta”.

Sinceridade, humildade, nobreza de caráter e espírito de fraternidade são virtudes que estão escondidas na pedra bruta e que deverão ser ressaltadas pelo verdadeiro maçom através da compreensão, do estudo e, principalmente, da aplicação do que se aprendeu, pois não adianta dizer-se maçom, quando o orgulho e a intolerância se cristalizam no seu caráter, quando a ignorância e os erros cometidos e reconhecidos são conservados em sua personalidade. São “iniciados” que não souberam trabalhar com o maço e o cinzel, não conseguiram ainda desbastar a sua pedra bruta e, conseqüentemente, não conseguiram ainda ser maçons.

Infelizmente, o País vive atualmente a maior crise do nosso século, sucumbido por uma energia negativa, através do pessimismo, da frustração, da injustiça econômica e social. Há corrupção por toda a parte e a impunidade já é frequente em quase todos os lados, onde até já virou moda aquela famosa frase do jogador de bola Gerson: “levar vantagem em tudo”.

Portanto, caros irmãos, é chegada a hora de fazer com que a nossa Arte Real seja mais atuante, e a vida

e a energia que dela se manifestam pelas suas veias sejam efetivamente representadas por todos os irmãos que estão espalhados pela face da Terra e pelo Universo, através das imensas galáxias. E, para chegarmos a isso, é necessário que todos, sem exceção, passem a polir de forma incessante as impurezas que cada um sabe, melhor que ninguém, onde estão em sua pedra polida.

Com certeza, através da união de todas as lojas que estão espalhadas pelos recantos do nosso planeta, construiremos um mundo melhor, sem vencidos ou vencedores, sem ideologias ou religiões, e finalmente a humanidade irá encontrar o seu pó de projeção, a sua pedra filosofal, como todos os alquimistas chamaram, e nós, maçons, chamamos a mais pura, a mais límpida Pedra Polida que todo homem sonhou. ◆

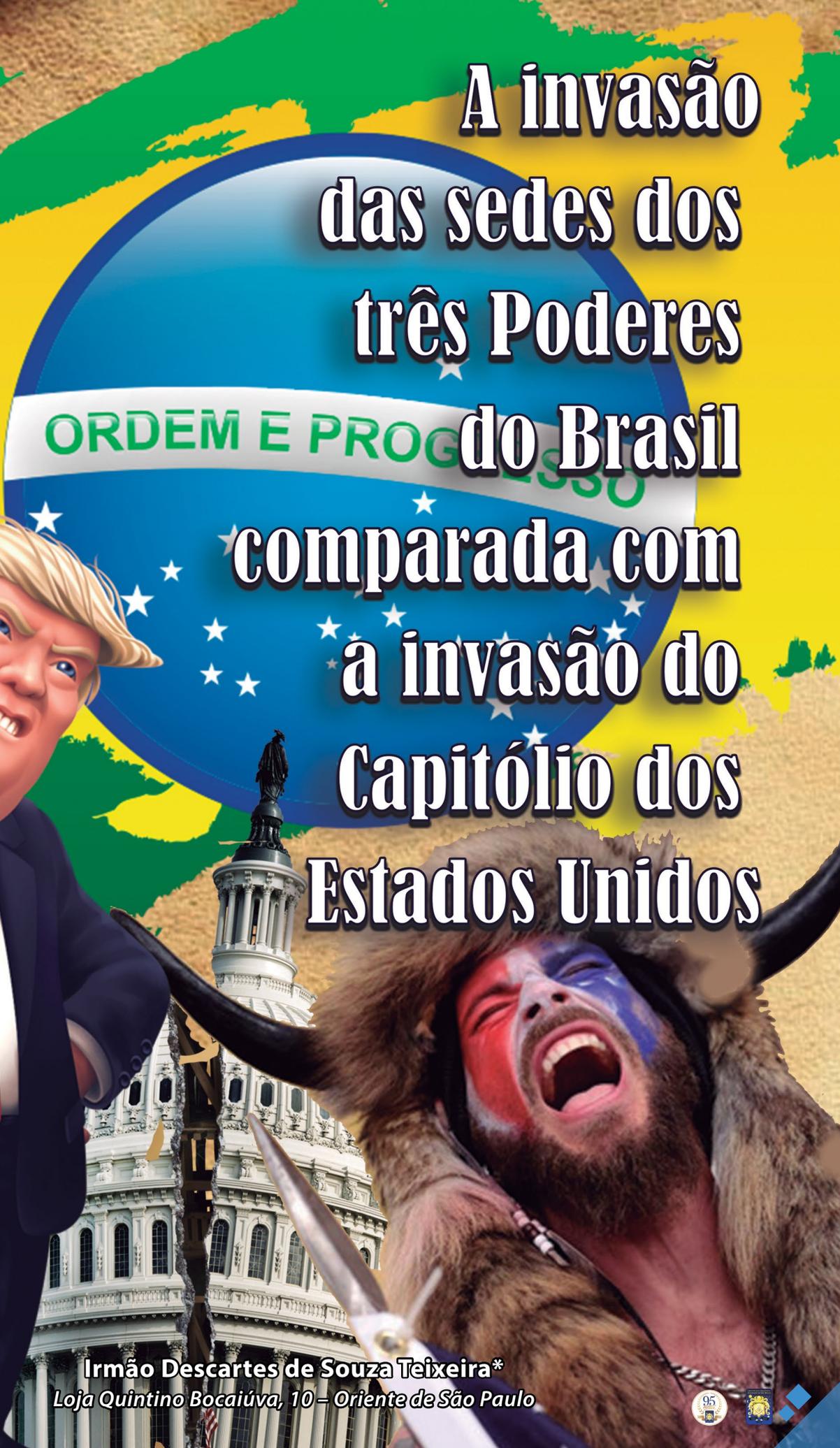
Obras consultadas

- 1 - *A Simbólica Maçônica* (Jules Boucher)
- 2 - *A Vida Oculta na Maçonaria* (C. W. Leadbeater)
- 3 - *Dicionário da Maçonaria* (Joaquim Gervásio Figueiredo)
- 4 - *Dicionário Lello Universal*
- 5 - *Enciclopédias Mirador e Delta-Larousse*
- 6 - *Glossário Teosófico* (Helena P. Blavatsky)
- 7 - *Grande Dicionário Enciclopédico da Maçonaria e Simbologia* (Nicola Aslan)
- 8 - *Grau de Aprendiz e seus Mistérios* (Jorge Adoum)
- 9 - *Maçonaria Simbólica* (Raul Silva)
- 10 - *Pequena História da Maçonaria* (C. W. Leadbeater)
- 11 - *Simbolismo do Primeiro Grau de Aprendiz* (Rizzardo Da Camino)
- 12 - *Síntese da Doutrina Secreta* (Helena P. Blavatsky)
- 13 - *Templo Maçônico e seu Simbolismo* (Boanerges Barbosa Castro)



A invasão das sedes dos três Poderes do Brasil comparada com a invasão do Capitólio dos Estados Unidos

ORDEM E PROGRESSO



Irmão Descartes de Souza Teixeira*
Loja Quintino Bocaiúva, 10 – Oriente de São Paulo

Inquieto tenho estado desde o início deste ano, 2023, ao ler os jornais e outros noticiosos, notando que jornalistas e comentaristas não deixam de comparar dois eventos políticos: o ataque às sedes dos três Poderes do Brasil, em Brasília, em janeiro de 2023; e a invasão do Capitólio dos Estados Unidos da América, em Washington-DC, em 2021.

Não se cansam de comparar. Foram bem parecidos, não? Mexeram com as áreas políticas dos dois países. Resolvi me debruçar sobre essa temática, na tentativa de demonstrar que parecem, mas não são tão iguais como se pensa. As confusões, após os resultados eleitorais, foram semelhantes.

O Capitólio foi invadido como nunca antes havia sido, tiros alvejaram alguns, pedras e varas atingiram as janelas e portas envidraçadas. Lembro de ter visto e ouvido uma comentarista da TV Globo, testemunha no local e dos fatos, ao entrar no Capitólio para transmitir para o Brasil algo sobre a insólita invasão. O que comentar por aqui a respeito? O que os maçons têm a ver com isso? É tudo que proponho abordar aqui, para a reflexão dos irmãos.



O Brasil e a Proclamação da República – 15 de novembro de 1889

O governo republicano foi proclamado em nosso país em 1889 por um grupo entusiasmado com a mesma forma de governo que outros pa-

íses na América Latina, América do Norte e Europa já haviam adotado. Contávamos, no início de 2023, com 134 anos de Estado governado por uma nova “república”.

Como ponto de partida, foi formado um governo provisório, sediado na cidade do Rio de Janeiro, desde então, Capital do País e Distrito Federal. O Marechal Deodoro da Fonseca foi o presidente indicado pelos membros do Congresso, contando com o apoio dos militares do Exército.

Entre os demais membros do governo provisório, foram indicados Rui Barbosa, Quintino Bocaiuva, Benjamin Constant, Campos Sales, Aristides Lobo e Prudente de Moraes. Todos pertenciam à Maçonaria. Nessa época, a Ordem Maçônica abrigava os melhores homens do País e sua elite intelectual.

A nova nação, agora republicana, passou a se chamar Estados Unidos do Brasil. A bandeira teria as cores azul, amarelo e verde, reproduzindo no seu círculo azul as principais estrelas do céu que poderíamos, na época, divisar juntamente com uma faixa branca com os dizeres “Ordem e Progresso”.

A república foi o regime logo aceito pelo povo brasileiro, apesar de alguns percalços aqui e ali. Desde então, vivemos períodos turbulentos, participamos da Segunda Guerra Mundial, de 1939 a 1945, contra o eixo ítalo-alemão e japonês. Os militares, porém, resolveram controlar o estado de coisas em que o país se encontrava em 1964, sob o governo de João Goulart (ex-vice-presidente de Jânio Quadros, que renunciou em 21 de agosto de 1961).

Tivemos daí quatro presidentes militares, todos Generais de Exército, ocupando a cadeira de Presidência da República, até que novas eleições diretas foram autorizadas, conforme exigiam a quase totalidade dos políticos de então.

Em resumo, o novo presidente eleito, José Sarney, com mandato de 21 de abril de 1985 a 15 de março de 1990, tomou posse, e o novo período de democracia plena passamos a ter. A partir de então, nossa pátria passou a se chamar República Federativa do Brasil. Ainda nesse período, mesmo antes da exceção acima citada, o País conheceu um político civil que se destacou como governador do Estado de Minas Gerais: Juscelino Kubitschek de Oliveira (JK). Posteriormente candidato, disputou e ganhou a eleição para Presidência da República de 1955. Eleito, tomou posse como 21º presidente de nossa história republicana, com mandato 1956-1960.

A capital do Brasil ainda era a cidade do Rio de Janeiro, até 1960. Foi então que o novo presidente, JK, resolveu mudar a capital do Brasil para um novo local. Nessa época, se olhássemos com atenção o mapa do Brasil, veríamos que a maioria da população se concentrava na faixa litorânea. O interior ainda era mais vazio de exploração pelo povo. Sabíamos que a população tendia a crescer e ocupar os demais espaços, circunstância que deve ter chamado a atenção do novo presidente, dos políticos, dos estudiosos e dos jornalistas que cercavam JK.



A Invasão do Capitólio nos Estados Unidos da América em 6 de Janeiro de 2021

A partir do dia da invasão do Capitólio ameri-

cano, em 6 de janeiro de 2021, resolvi consultar historiadores diversos para entender o significado de tal monumento no topo de um monte que hoje leva o mesmo nome: Monte do Capitólio.

Steven C. Bullock, autor do livro *Revolutionary Brotherhood, Freemasonry and the Transformation of the American Social Order* (publicado pela University of North Carolina Press, 1996), é o historiador que melhor analisa o local e aborda os traços da Maçonaria na relevância daquele monumento e sua importância para o povo americano e seus representantes governamentais que ali por perto haveriam de andar.

Tomo a liberdade de transcrever abaixo parte do evento que levou o primeiro presidente dos EUA, George Washington, a lançar a pedra fundamental em 18 de setembro de 1793, daquele novo monumento a ser erguido como “O Capitólio dos Estados Unidos da América”.

O histórico episódio é assim narrado pelo Prof. S. C. Bullock em seu livro:

“Devidamente paramentado com o avental de Mestre Maçom, o presidente George Washington colocou a placa de prata com os símbolos maçônicos da espiga de milho, óleo de unção e vinho sobre a pedra fundamental do futuro prédio. Em seguida, fizeram uma oração, e os irmãos entoaram uma canção de louvor. Militares presentes lançaram salvas de tiros, seguidos de discursos dos irmãos ... Se, como Thomas Jefferson apregoava, o Capitólio representava o batismo do primeiro templo dedicado à soberania do povo, então os irmãos da cerimônia de 1793 serviram como os primeiros sumo-sacerdotes. Washington e irmãos então consagraram o prédio pelo batismo literal da espiga de milho, óleo da unção e vinho... A posição da fraternidade no ‘Monte do Capitólio’ nas muitas cerimônias consagradas nas gerações seguintes trazia sempre poderoso simbolismo que a Maçonaria mantinha na América Pós-Revolucionária”. (BULLOCK, op.cit. pp.137)

Por que, insisto agora, os dois eventos, quais sejam, a formação da república no Brasil e nos EUA, foram bem distintos? Na minha visão, no caso brasileiro, os prédios saíram da prancheta, colocando os poderes da nossa república praticamente unidos, ainda que o Supremo Tribunal Federal (STF), vizinho do Palácio do Planalto, fosse um prédio erguido em separado. Mas as quatro unidades foram invadidas e saqueadas pelo grande grupo de desordeiros invasores brasileiros, vindos de vários estados da União, financiados por alguns poucos e ricos cidadãos espalhados pelo País.

No caso da invasão do Capitólio, porém, esta ficou circunscrita àquele local tão somente e, portanto, só o Poder Legislativo dos EUA que foi invadido e depredado. Não houve invasão dos demais poderes em 6 de janeiro de 2021, nos Estados Unidos.

Sustento, portanto, que os dois eventos, embora sejam lembrados pelos jornalistas pelos estragos trazidos aos dois países, não devem ser tomados como iguais. O caso brasileiro é bem mais extensivo e o vandalismo causado levou a um maior número de réus, ainda hoje não totalmente contabilizados pela justiça brasileira.

Aos irmãos maçons deixo a mensagem fraterna que retiro da história sobre a construção levantada pelos obreiros da Ordem liderados pelo primeiro presidente dos Estados Unidos da América, George Washington, em 18 de setembro de 1793, no Monte do Capitólio, no topo do qual está a cúpula semiesférica que sustenta aos céus a Estátua da Liberdade.

Essa foi e continua sendo a república defensora de valores eternos da democracia e do estado de direito lembrando-nos agora, no limiar do século 21, a mesma mensagem que levou os “Pais Fundadores” às salvas de tiros após o lançamento da pedra fundamental do histórico prédio. Essa mensagem ainda está viva no Capitólio, os Pais Fundadores estão lá para lembrar-nos de todo o significado daquele local.

As origens e significados dos dois descabros, na visão dos maçons, não podem ser encarados como idênticos. São diametralmente diferentes. Mas, só os maçons estariam, nos dias que correm, habilitados para assim pensar e assim julgar. ◆



Bibliografia

- BOUDREAU, Allan; BLEIMANN, Alexander. *George Washington in New York*. Copyright 1987 by The American Lodge of Research, F. & A.M. Printed into the USA.
- BULLOCK, Steven C. *Revolutionary Brotherhood. Freemasonry and the Transformation of the American Social Order, 1730 –1840*. University of North Carolina Press: Chapel Hill and London, 1996.
- CASSEL, Russel N. (Chula Vista Maçonic Lodge). *The United States Constitution and Freemasonry*. George Washington The Freemason. (200th Anniversary of United States Constitution). The American Lodge of Research, Free and Accepted Masons. Vol. XVI – Number 3, March 30 – December 29, 1987. Pp. 72-85.
- CASTELLANI, J. A. *Maçonaria e o movimento republicano brasileiro*. São Paulo: Traço Editora, 1989.
- CUNHA, Antonio Carlos; SANCHES FILHO, Francisco José; VALIN, Paulo Ernesto. *A.R.L.S. Quintino Bocaiúva nr. 10 – A Edificação da Morada, 1974-1982*. São Paulo, 2003.
- GONÇALVES, Ricardo Mário; TEIXEIRA, Descartes de Souza (org.). *Quintino Bocaiúva, Arquiteto da República*. São Paulo: Glesp, 2003.
- HAAG, M. *The Rough Guide to the Lost Symbol*. London: Penguin Books.
- NEFONTAINE, Luc. *Le Protestantisme et la Franc-Maçonnerie - Des Chemins Qui Se Rencontrent*. Labor et Fides, 2000.
- THORNTON, Mary Crescentia (Sister of Charity of the Blessed Virgin Mary, Clarke College, Dubuque, Yowa, USA). *The Church and Freemasonry in Brazil, 1872-1875, a Study in Regalism*. Dissertation Submitted to the Faculty of the Catholic University of America in Partial Fulfillment of the Requirements of degree of Doctor of Philosophy. WASHINGTON D.C.: The Catholic University of America Press, 1948.

*O irmão Descartes de Souza Teixeira é membro do Conselho Editorial da revista A Verdade e membro correspondente da American Lodge of Research da Grand Lodge of Free and Accepted Freemasons of the State of New York.

A BANDEIRA NACIONAL

ORDEM E PROGRESSO

Irmão André Muniz Marinho da Rocha
Loja União do Vale, 214 – Oriente de São José dos Campos

Imagens: Freepik.com

A Bandeira Nacional foi instituída em 19 de novembro de 1889, quatro dias depois da Proclamação da República. A cor verde representa a Casa de Bragança, da família real portuguesa, e a cor amarela representa os Habsburgos, a família da imperatriz Leopoldina. Além disso, as cores retratam às riquezas do país: verde das matas e florestas, amarelo das riquezas mineiras, o azul do céu e o branco a paz. Projetada por Raimundo Teixeira Mendes e Miguel Lemos, com desenho de Décio Vilares, foi inspirada na Bandeira do Império, desenhada pelo pintor francês Jean Baptiste Debret.

O lema “Ordem e Progresso” escrito na bandeira tem inspiração na filosofia positivista. As estrelas simbolizam os 26 estados e o Distrito Federal. A disposição delas representa a constelação Cruzeiro do Sul, no dia 15 de novembro de 1889, no Rio de Janeiro, quando foi Proclamada a República do Brasil. No dia 19 de novembro, é celebrado o Dia da Bandeira.

Conforme a Lei Nº 5.700, de 1º de setembro de 1971, são Símbolos Nacionais:

I - a Bandeira Nacional (incluída pela Lei nº 8.421, de 1992); II - o Hino Nacional; III - as Armas Nacionais; e IV - o Selo Nacional.

Consideram-se padrões dos Símbolos Nacionais os modelos compostos de conformidade com as especificações e regras básicas estabelecidas na presente lei.

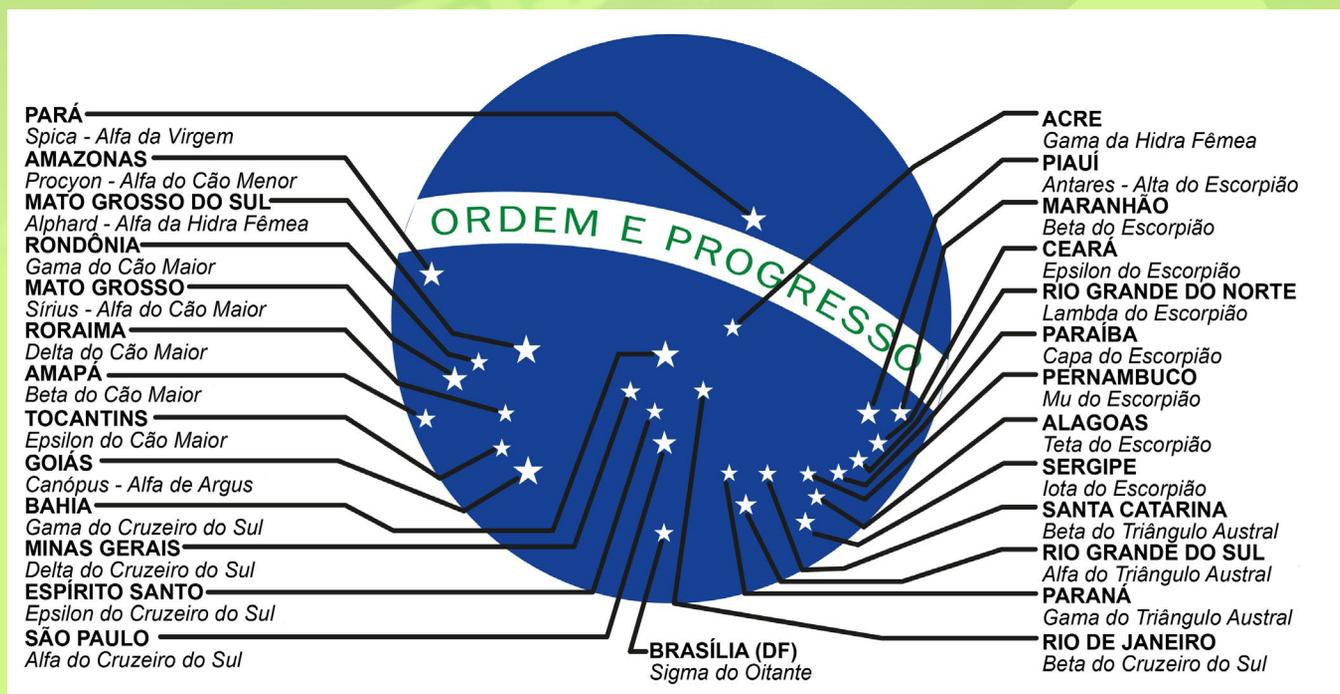
A Bandeira Nacional, adotada pelo Decreto nº 4, de 19 de novembro de 1889, com as modificações da Lei nº 5.443, de 28 de maio de 1968, deve ser atualizada sempre que ocorrer a criação ou a extinção de Estados.

As constelações que figuram na Bandeira Nacional

correspondem ao aspecto do céu, na cidade do Rio de Janeiro, às 8 horas e 30 minutos do dia 15 de novembro de 1889 (doze horas siderais) e devem ser consideradas como vistas por um observador situado fora da esfera celeste.



Bandeira Nacional



Estrelas e correspondências com os Estados e Distrito Federal

Os novos Estados da Federação estão representados por estrelas que compõem o aspecto celeste, de modo a permitir-lhes a inclusão no círculo azul da Bandeira Nacional sem afetar a disposição estética original constante do desenho proposto pelo Decreto nº 4, de 19 de novembro de 1889.

Na Bandeira Nacional, foram suprimidas as estrelas correspondentes aos Estados extintos, permanecendo a designada para representar o novo Estado, resultante de fusão.

A Bandeira Nacional é confeccionada em tecido para as repartições públicas em geral, federais, estaduais e municipais, para quartéis e escolas públicas e particulares.

As letras da legenda “Ordem e Progresso” serão escritas em cor verde. Serão colocadas no meio da faixa branca, ficando, para cima e para baixo, um espaço igual em branco. As estrelas serão de cinco pontas,

Conforme Art. 10 da Lei Nº 5.700, de 1º de

setembro de 1971, a Bandeira Nacional pode ser usada em todas as manifestações do sentimento patriótico dos brasileiros, de caráter oficial ou particular. A Bandeira Nacional pode ser apresentada hasteada em mastro ou adriças, nos edifícios públicos ou particulares, templos, campos de esporte, escritórios, salas de aula, auditórios, embarcações, ruas e praças, e em qualquer lugar em que lhe seja assegurado o devido respeito. A Bandeira Nacional estará permanentemente no topo de um mastro especial plantado na Praça dos Três Poderes de Brasília, no Distrito Federal, como símbolo perene da Pátria e sob a guarda do povo brasileiro. Hasteia-se a Bandeira Nacional, obrigatoriamente, nos dias de festa ou de luto nacional, em todas as repartições públicas, nos estabelecimentos de ensino e sindicatos. Nas escolas públicas ou particulares, é obrigatório o hasteamento solene da Bandeira Nacional, durante o ano letivo, pelo menos uma vez por semana.

Quando várias bandeiras são hasteadas ou arriadas simultaneamente, a Bandeira Nacional é a primeira a atingir o topo e a última a dele descer.

A Bandeira Nacional, em todas as apresentações no território nacional, ocupa lugar de honra, compreendido como uma posição central ou a mais próxima do centro e à direita deste, quando com outras bandeiras, pavilhões ou estandartes, em linha de mastros, panóplias, escudos ou peças semelhantes. Considera-se “direita” de um dispositivo de bandeiras a direita de uma pessoa colocada junto a ele e voltada para a rua, para a plateia ou de modo geral, para o público que observa o dispositivo. A Bandeira Nacional, quando não estiver em uso, deve ser guardada em local digno, em nicho apropriado. As duas faces devem ser exatamente iguais, com a faixa branca inclinada da esquerda para a direita (do observador que olha a faixa de frente), sendo vedado fazer uma face como avesso da outra.

Ritualística Maçônica

O tributo de honra prestado à Bandeira Nacional é um ato cívico inserido na Ritualística Maçônica, respeitada a Lei 5.700, de 1º de setembro de 1971, com as alterações ocorridas em 1972, 1981 e 1992. Nas datas nacionais, a Bandeira Nacional deve ser hasteada na fachada do templo, permanecendo, nas outras ocasiões, em nicho apropriado na Sala dos Passos Perdidos, e somente será introduzida no templo nas Sessões Magnas ou Públicas.

Sua entrada no templo deve ser feita de forma solene e após todos terem adentrado. Quando da sua entrada, será formada uma Guarda de Honra, composta por dois Mestres Maçons armados de espadas, que ficam um passo atrás para acompanhar o Porta Bandeiras. O

dirigente determinará que todos os presentes se coloquem em pé e perfilados e autorizará a abertura da porta do templo, dando entrada ao préstito. O préstito, precedido pelo Mestre de Cerimônias, ingressa no templo parando entre Colunas, momento em que o Porta Bandeiras desfralda a Bandeira Nacional em continência e a mantém ereta, pois jamais se abate. Nesse momento, executa-se o Hino Nacional. Logo após, o Porta Bandeira coloca o Pavilhão Nacional na posição de Ombro Armas, e o Mestre de Cerimônias conduz o préstito ao Oriente, colocando-o à direita do Trono do Venerável Mestre, fora do dossel, onde receberá uma bateria incessante.

Sua saída será feita na ordem inversa, sendo sempre a primeira a sair do templo. O dirigente determinará que o Mestre de Cerimônias forme a Guarda de Honra e convide o Porta Bandeiras a retirá-la, determinando que todos fiquem de pé e perfilados, designando que se faça a saudação ao Pavilhão Nacional. Ninguém pode tocar a Bandeira Nacional, salvo o Porta Bandeiras, o qual, ao conduzi-la, deverá manter o Pavilhão Nacional junto ao mastro. Logo após, se dará a saída do templo do Pavilhão Nacional, sob os acordes do Hino à Bandeira. ◆



Primeira Bandeira da República



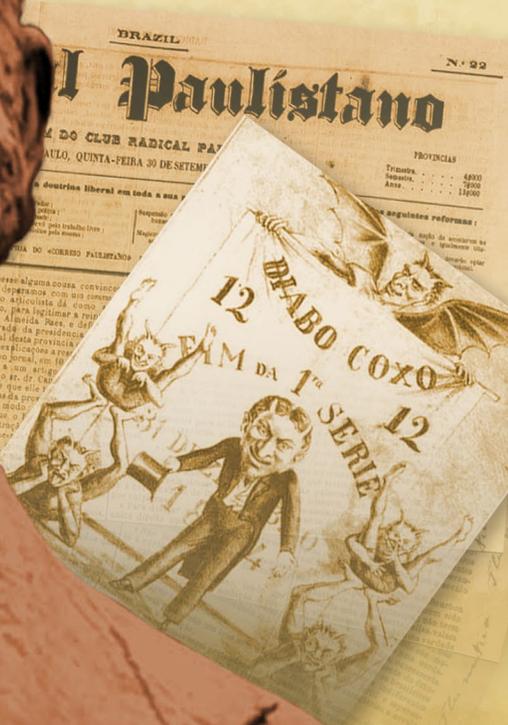
LUIZ GONZAGA PINTO DA GAMA: Herói e Patrono da Abolição no Brasil

Irmão Samir Cury*

Loja Colunas de São

João Batista, 857

Oriente de São Paulo



Em nós, até a cor é um defeito. Um imperdoável mal de nascença, o estigma de um crime. Mas nossos críticos se esquecem que essa cor é a origem da riqueza de milhares de ladrões que nos insultam, que essa cor convencional da escravidão, tão semelhante à da terra, abriga sob sua superfície escura, vulcões, onde arde o fogo sagrado da liberdade.

(Luiz Gonzaga Pinto da Gama – O herói e patrono da abolição no Brasil)

O presente artigo tem seu original na revista *Ars Regum*, edição nº 01, da Loja de Pesquisa Quatuor Coronati São Paulo # 333; e foi adaptado para a revista *A Verdade*. Tem como foco a vida de Luiz Gonzaga Pinto da Gama, sem desmerecer outros abolicionistas que tiveram grande importância histórica. Não podemos esquecer a importância histórica da Princesa Isabel que colocou fim legal na escravidão.

Introdução

Luiz Gonzaga Pinto da Gama era descendente de escrava liberta e de um fidalgo português, rico e branco, o qual o vendeu como escravizado, aos 12 anos, apesar de ele ter nascido livre. Foi um importante maçom do movimento abolicionista no Brasil, o último país do continente americano a decretar a abolição da escravatura.

Outros nomes tiveram papel importante no processo de abolição, como José do Patrocínio e André Rebouças, também descendentes de escravizados, dentre outros, porém, Luiz Gama foi o único abolicionista ex-escravizado de nossa história. Sobressaiu-se numa sociedade extremamente preconceituosa e dependente da mão de obra escrava, que era justificada pelas mais absurdas teorias teológicas, filosóficas e políticas e, claro, pelos interesses econômicos. Alguns autores defendem que o atraso no desenvolvimento do Brasil, dentre outros fatores, se

deve à tardia abolição dos escravos, negligenciada e postergada ao limite pelo sistema político-econômico da sociedade da época.

A Escravidão na Maçonaria Moderna e na História

Se observarmos as *Constituições de Anderson*, de 1723, verificaremos, mesmo na Maçonaria, o pensamento não humanizado que prevalecia. Havia, claramente, um aspecto seletivo quando mencionava no item III – Das Lojas, o seguinte parágrafo:

“As pessoas admitidas como membros de uma Loja devem ser homens bons e de bons princípios, nascidos livres, de idade madura e discretos, não mulher, não escravo, nem imorais ou escandalosos, mas de boa reputação.”



Evidente que, em 1723, quando foi escrito, o texto tratava da escravidão humana, e não exatamente como se interpretam hoje os termos “nascidos livres” e “não escravo”, ou seja, eufemisticamente, como livres pensadores e escravos de paixões mundanas.

Lembremos que no final do século XVII e início do século XVIII o tráfico de escravos estava em grande atividade, não somente em Portugal e Espanha, mas em diversas nações que adotavam o sistema escravagista como algo normal e necessário à economia.

Em Londres, em meados do século XVII, foi criada a Company of Royal Adventurers of England Trading with Africa, com o objetivo de monopolizar o tráfico de escravos por um milênio, ou seja, até o ano de 2660. Tratava-se de uma companhia de iniciativa privada, com apoio governamental, que tinha entre seus sócios gente da própria realeza e nobreza britânica, dentre os quais, o próprio Rei Charles II, dois duques, um marquês, dois condes, quatro barões e sete cavaleiros. O Duque de York, irmão do rei, assumiu o cargo de presidente. Um importante destaque na lista de acionistas era a nova rainha, Catarina de Bragança, filha do rei de Portugal, recém-casada com o Rei Charles II. Outro dos sócios iniciais da RAC (Royal African Company) era um jovem chamado John Locke, que mais tarde se tornaria um dos mais importantes filósofos modernos.

A história é testemunha das “justificativas” para a escravidão à qual se submetiam povos conquistados ou mesmo nações inteiras. Rela-

tos bíblicos evidenciam a prática da escravidão entre irmãos, como é o caso de José, filho de Jacó, vendido aos egípcios como escravo, saga esta narrada no *Gênesis*, primeiro livro da Bíblia, nos capítulos 37 a 50.

O conceito de raça tem suas raízes nos séculos XV, XVI e XVII, com o processo de expansão marítima e a colonização em larga escala dos países luso-hispânicos do continente americano, assegurados pelos princípios de cunho evangelista e as políticas expansionistas da Igreja Católica. O comércio de seres humanos na África era acompanhado pelos jesuítas, que os batizavam antes de serem encaminhados para as Américas, “salvando sua alma, mas sendo donos de seus corpos”.

Uma visão eurocêntrica de suposta superioridade de raças se estendeu e se consolidou no século XIX com o filósofo francês Arthur de Gobineu (1816 – 1882) em seu *Ensaio Sobre a Desigualdade das Raças Humanas*, justificando a escravidão e guerras em nome do necessário “higienismo”. Gobineau esteve numa missão diplomática no Brasil, em 1869, e, segundo ele, o Brasil não seria uma grande civilização. Acreditava, inclusive, que a população brasileira seria extinta em cerca de 200 anos em razão da mistura de raças.

O *Darwinismo Social*, de Herbert Spencer (1820 - 1903), é outra prova da “racionalidade” à serviço do escravagismo. Baseado nos estudos de Charles Darwin, o autor sugeria uma visão particular da teoria evolucionista que, aplicada ao desenvolvimento das sociedades humanas, justificaria a supremacia de alguns grupos étnicos sobre outros mais débeis. Seus pontos de vista, ao serem adotados, validaram e motivaram o imperialismo e suas atrocidades, seus ideais de eugenia e racismo e reverberaram até o século XX, no fascismo e

nazismo. Hitler adotou o conceito de darwinismo social, acreditando na superioridade da raça e na sobrevivência dos mais aptos, justificando sua política genocida sem precedentes.

Por outro lado, a Maçonaria talvez tenha sido a primeira sociedade a encarar de frente os erros e as atrocidades cometidas pelo homem e passou a admitir em suas fileiras os irmãos negros que vieram somar com sua experiência e sabedoria de vida sofrida, ensinando com seu exemplo de determinação, com testemunhos em carne e osso, o quanto foi absurda a escravização e o quão nocivo ainda é o racismo em nossa sociedade. Na Maçonaria de hoje, não existe racismo nem discriminação de qualquer tipo. Nela, todos os homens são iguais, e se agora a Ordem é intolerante com alguma coisa, o é com a intolerância e a discriminação.

Luiz Gama: Uma vida dedicada à liberdade

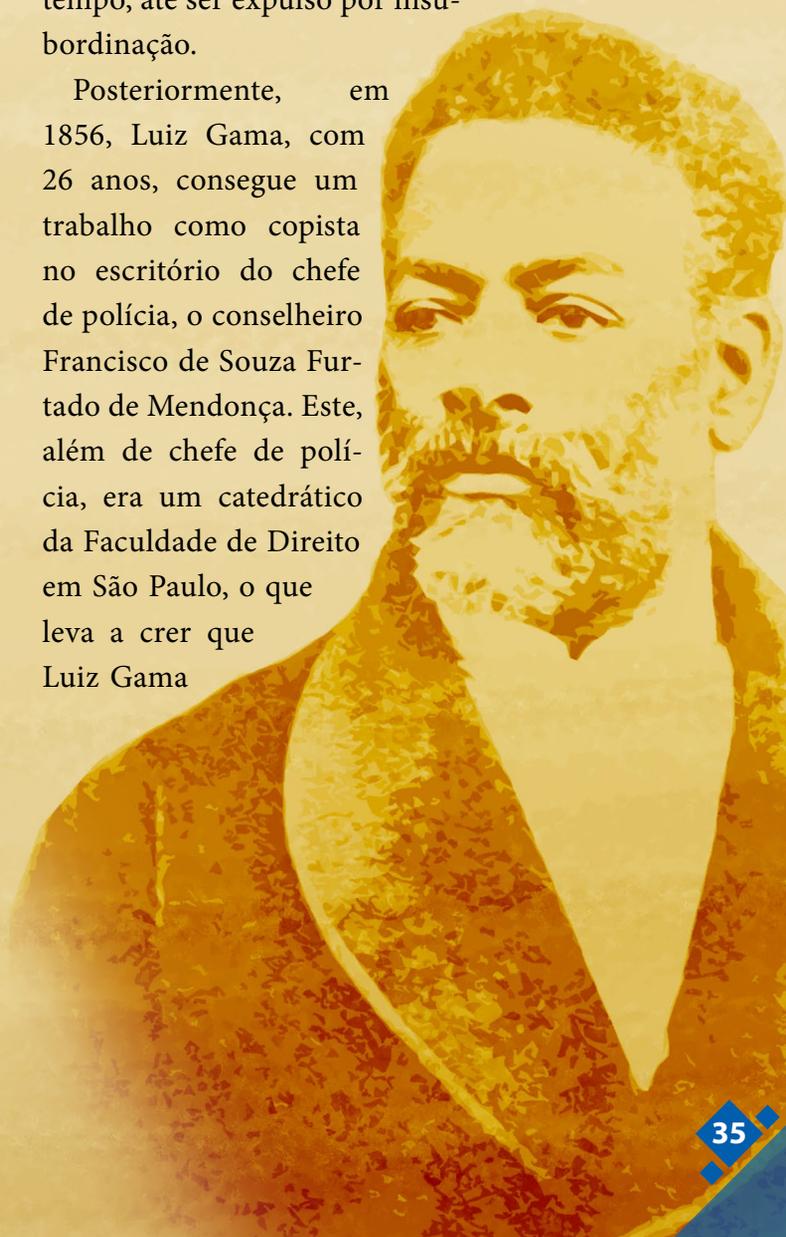
Luiz Gonzaga Pinto da Gama nascera livre e foi vendido pelo seu pai, um fidalgo português, cujo nome jamais foi revelado por ele. Um ano após seu nascimento, em 7 de novembro de 1831, D. Pedro I retorna a Portugal, onde assume como D. Pedro IV. Iniciou-se no Brasil o período regencial de 1831 a 1840, marcado por inúmeros acontecimentos de turbulência, dentre os quais a Revolta dos Malês, em Salvador, Bahia, no ano de 1835, protagonizada por escravos africanos muçulmanos.

Muitos pesquisadores afirmam que Luiza Mahin, mãe de Luiz Gama, teve participação nessa revolta, no entanto, não há documentos históricos que comprovem esse fato. Luiz Gama jamais conseguiu reencontrar sua mãe, embora tenha tentado tal feito por três vezes ao longo de sua vida. Na ocasião em que foi vendido como escravo, seguiu para o Rio de Janeiro e, posterior-

mente, para Santos e, de lá, para Campinas, não sendo comprado nesta localidade pela fama que os baianos tinham de ser rebeldes e inobedientes. Ser baiano, aos olhos dos paulistas, significava problema. Posteriormente, Luiz Gama segue então para São Paulo, sob o domínio de Antônio Pereira Cardoso, seu senhor.

Ainda escravizado, Luiz Gama aprende a ler e a escrever com o auxílio de um pensionista de seu senhor, o estudante Antônio Rodrigues do Prado Junior. Secretamente, conseguiu provas de sua condição de liberto e foge da casa de seu algoz, alistando-se na Guarda Municipal por questão de sobrevivência. Ficando nesta atividade por um tempo, até ser expulso por insubordinação.

Posteriormente, em 1856, Luiz Gama, com 26 anos, consegue um trabalho como copista no escritório do chefe de polícia, o conselheiro Francisco de Souza Furtado de Mendonça. Este, além de chefe de polícia, era um catedrático da Faculdade de Direito em São Paulo, o que leva a crer que Luiz Gama



pode ter tido contato com a biblioteca de Furtado de Mendonça, ampliando consideravelmente sua erudição e capacidade extraordinária de escrita, principalmente em termos jurídicos.

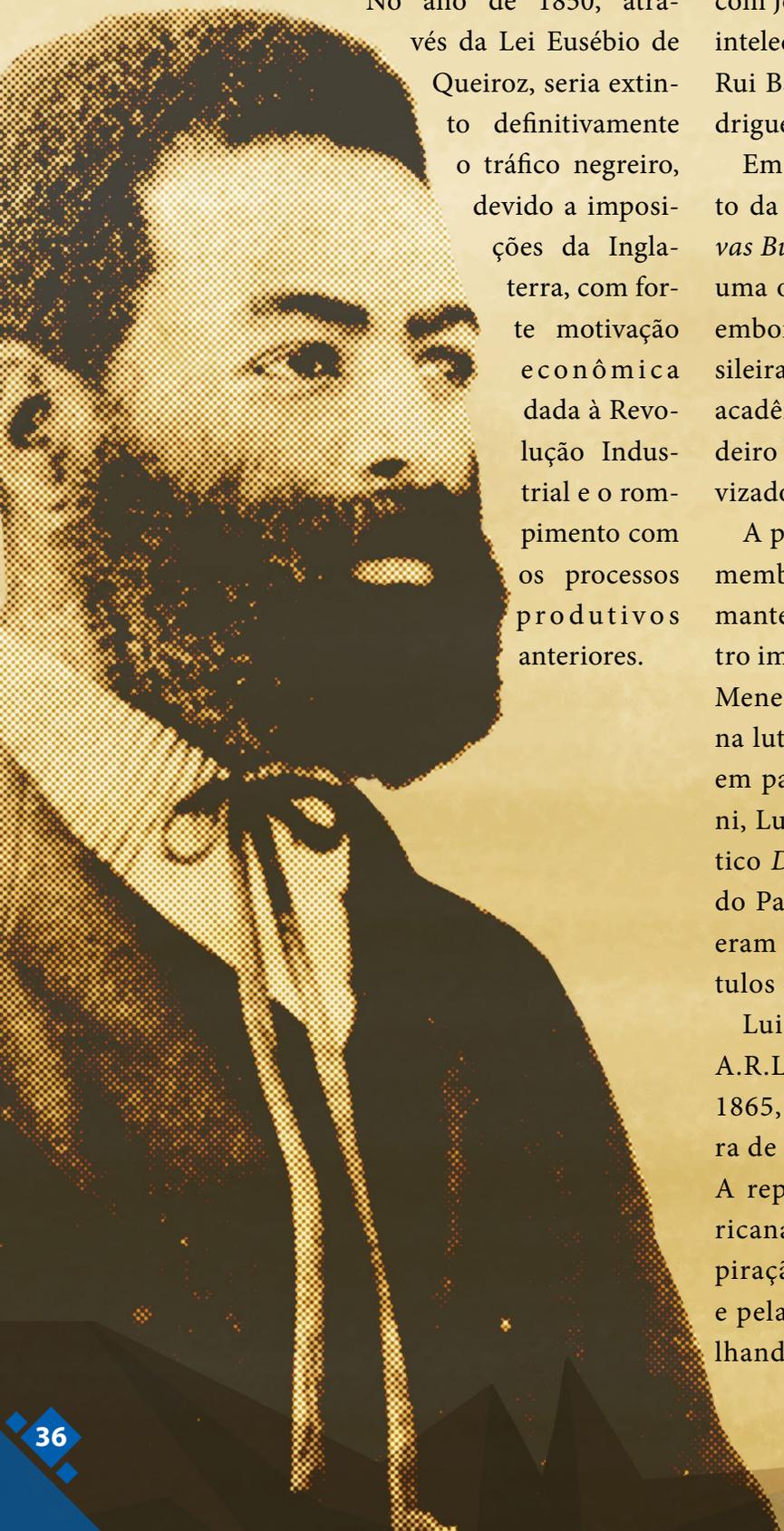
No ano de 1850, através da Lei Eusébio de Queiroz, seria extinto definitivamente o tráfico negreiro, devido a imposições da Inglaterra, com forte motivação econômica dada à Revolução Industrial e o rompimento com os processos produtivos anteriores.

Luiz Gama, em 1857, conhece sua companheira, Claudina Fortunata Sampaio; em 1858, perde sua filha Luiza, com apenas 2 meses de idade, vítima de varíola. Neste mesmo ano, faz amizade com José Bonifácio, o Moço, importante político e intelectual do período, professor de figuras como Rui Barbosa, Castro Alves, Joaquim Nabuco, Rodrigues Alves e Afonso Pena, todos maçons.

Em 1859, nasce seu filho, Benedito Graco Pinto da Gama, ano em que publica *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*, considerada hoje como uma obra precursora da literatura negra no País, embora desconsiderada na história literária brasileira. Hoje, é possível verificar diversos estudos acadêmicos dessa obra magnífica de um verdadeiro homem de princípios inabaláveis, ex-escravizado, autodidata, poeta e abolicionista.

A partir de 1863, inicia sua participação como membro do Tribunal do Júri em São Paulo, já mantendo nessa época laços de amizade com outro importante afrodescendente, Luiz Ferreira de Menezes, e, unidos, desempenham grande papel na luta antiescravagista. Durante o ano de 1864, em parceria com o caricaturista Ângelo Agostini, Luiz Gama inaugura o informativo humorístico *Diabo Coxo*, ano em que se inicia a Guerra do Paraguai, para a qual inúmeros escravizados eram enviados por seus senhores em troca de títulos e honrarias por parte da Coroa.

Luiz Gama foi iniciado na Maçonaria na A.R.L.S. Sete de Setembro, provavelmente em 1865, mesmo ano em que ocorre o fim da Guerra de Secessão e a abolição nos Estados Unidos. A república e o fim da escravidão norte-americana foram, para Luiz Gama, mais uma inspiração em sua contínua luta pela democracia e pela libertação dos cativos brasileiros. Trabalhando incessantemente neste sentido, torna-se



membro, em 1867, da Sociedade Esperança, de objetivo filantrópico para o alforria de escravizados.

Com apenas três anos de Ordem Maçônica, atinge o grau 18, Soberano Príncipe Rosa Cruz. Sabemos que naquela época ninguém poderia ser Venerável de uma Loja sem ter sido antes investido nesse grau. Em 9 de novembro de 1868, juntamente com outros abolicionistas, tais como Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, Rui Barbosa, Salvador de Mendonça de Azevedo Marques, Olímpio da Paixão, Américo Brasileiro, Antônio Louzada Antunes e Ferreira de Meneses, funda a mais importante Loja Maçônica daquele período, a Loja América, cujo propósito seria o trabalho incondicional em prol da abolição da escravidão e a instauração da república.

Para o ingresso na Loja América, dentre outras condições estabelecidas, os candidatos deveriam alforriar todos os seus escravos. Foi desta Loja que partiu, com apoio de todos os irmãos, uma proposta de Rui Barbosa submetida ao Grande Oriente dos Beneditinos de um projeto de lei para o fim do elemento servil. Para tanto, a oficina criou uma entidade paramaçônica, com a participação das esposas angariando fundos para comprar a liberdade de escravizados, além de biblioteca pública e escolas.

Até hoje, a Loja América existe, completou 155 anos em 2023, e, ao visitá-la, podemos ver os documentos de alforria apresentados em seu museu. A partir de 1869, a participação de seus integrantes na imprensa e nos assuntos relacionados à abolição a tornou extremamente popular na cidade de São Paulo, atuando na fundação do Clube Radical Paulistano e de publicações como o semanário *Radical Paulistano*, junta-

mente com Rui Barbosa, Américo Brasileiro, Américo de Campos, Olímpio da Paixão e outros membros.

Na rua 25 de março, hoje conhecida por seu comércio, Luiz Gama e Olímpio da Paixão atuaram como professores de uma escola gratuita para crianças e de um curso primário noturno para adultos, entre os quais estavam escravos libertos.

Luiz Gama foi um dos atuantes do Clube Radical Paulistano, que posteriormente se chamaria Clube Republicano de São Paulo, com outros irmãos maçons, avançando com seu propósito libertário e democrático. Acusado de comunista, Gama foi perseguido e ameaçado de morte por parte da oligarquia escravocrata, mas mesmo assim manteve-se firme e irredutível em seus objetivos. Participou da primeira reunião da Convenção de Itu, mas logo abandonou o movimento ao ver que em seus quadros incluía vários oligarcas favoráveis à escravidão, fato incompatível com a república que idealizava.

Em 1874, foi eleito Venerável da Loja América, ocupando esta posição até sua morte em 1881. Luiz Gama faleceu antes de ver concretizados seus ideais abolicionistas e republicanos, que se materializariam, respectivamente, sete anos e oito anos, respectivamente, após



sua morte. Sua determinação honra a todos os maçons, com caráter e princípios inabaláveis, alinhados com o propósito de liberdade, igualdade e fraternidade, sem reservas em prol de uma sociedade justa e equilibrada, e deixa aos brasileiros e à humanidade em geral um grande legado. Um homem de tal envergadura não deve cair no esquecimento. Seu espírito de perseverança e determinação enobrece, sobretudo, a instituição maçônica brasileira e mundial por sua honra e pela história de vida alicerçada nos princípios da Ordem. Um homem que foi reconhecido como advogado somente no ano de 2015 e consagrado pelo título de Patrono da Abolição da Escravidão do Brasil, em 16 de janeiro de 2018, pela lei 13.629, e inscrito no Livro dos Heróis da Pátria pela lei 13.628.

A título de curiosidade, seu tataraneto, o irmão Benemar França, é obreiro da Loja Luiz Gama (GOB-SP), e autor da árvore genealógica inserida neste artigo.

Conclusão

O espaço maçônico certamente permitiu a projeção das reivindicações

aboliconistas, principalmente por parte dos negros libertos, como Luiz Gama, José do Patrocínio e os irmãos Rebouças.

O movimento aboliconista não foi unânime na Maçonaria. Inúmeros maçons eram escravocratas e rejeitavam seus ideais. Nem todos os núcleos maçônicos admitiam negros libertos ou mesmo descendentes de negros libertos, fato que somente ocorria quando a loja maçônica tinha o objetivo específico **republicano e aboliconista**, como foi o caso da Loja América. Porém, não há dúvidas que o ambiente proporcionado pelas lojas maçônicas permitia a discussão e o debate da questão, sem que, por isso, fossem enfraquecidos os alicerces da instituição, cujo lema é a liberdade, igualdade e fraternidade, acima de tudo. ◆

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, James. *The Constitutions of the Free-Masons*. An Online Electronic Edition. Disponível em <https://bit.ly/42Y7Hua> (acesso em 12/06/2020).
- FONSECA, Ligia Ferreira. *Com a Palavra Luiz Gama: poemas, artigos, cartas e máximas*. Imprensa Oficial, 2011.
- _____, Ligia Ferreira. *Lições de resistência: Artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro*. Editora Sesc, 2020.
- GOMES, Laurentino. *Escravidão* (v.1). São Paulo: Globo Livros, 2019.
- _____. *Escravidão* (v.2) São Paulo: Globo Livros, 2021.
- _____. *Escravidão* (v.3) São Paulo: Globo Livros, 2022.
- HITLER, Adolf. *Mein Kampf (Minha Luta)* – 1ª. Edição Histórica. São Paulo: 2016 (pp. 218-219).
- LACERDA, João Baptista. *Tese do branqueamento*. Disponível em: <https://bit.ly/3r4WD0P> (acesso em 12/06/2020).
- MOURA, Clovis. *Dicionário da Escravidão Negra no Brasil*. São Paulo: EdUSP, 2004 (p. 170).
- SANTOS, Luiz Carlos. *Luiz Gama, Retratos do Brasil Negro*. Editora Selo Negro, 2010

*O irmão Samir Cury é membro do Conselho Editorial da revista *A Verdade e da Loja de Pesquisa Quatuor Coronati São Paulo* # 333 (Glesp).



www.glesp.org.br